

EDIÇÃO ESPECIAL

Gestão Pública

& Desenvolvimento

Ano XXV / T II / R\$ 14,80 / Nº 138 / Junho de 2019



BRAZIL
CONFERENCE
AT HARVARD & MIT

Saiba como foi a quinta edição da Brazil Conference at Harvard & MIT 2019, um evento realizado anualmente pela comunidade brasileira de estudantes em Boston, que promove encontros com líderes e representantes do Brasil, com o objetivo de encontrar soluções inovadoras para o futuro do país.



ENTREVISTA
RODRIGO
AGOSTINHO

AGENDA BRASÍLIA
GDF elabora plano
estratégico para o
centenário de Brasília

SISTEMAS E INOVAÇÃO
Fórum Conjunto Consad/Conseplan
tem o desafio de modernizar
a administração pública

Uma leitura das ações políticas e governamentais sob a ótica da sociedade



Gestão Pública

GOVERNO  SOCIEDADE & Desenvolvimento

O cidadão elege os parlamentares e governantes.
A sociedade financia o serviço público e o desenvolvimento do país



Fundadores

Francisco Alves de Amorim
João Batista Cascudo Rodrigues (In Memoriam)

Conselho Editorial

Francisco Alves de Amorim – Presidente
Ricardo Wahrendor Caldas – Professor – UnB
João Bezerra Magalhães Neto – Administrador
José Osmar Monte Rocha – Professor
universitário e Auditor/MF (Aposentado)

Diretor de Comunicação e Distribuição

Geilson Barros Coelho

Diretora Administrativa

Mirielle Fideles Alves Coelho

Diretor Nacional de Comunicação

Dantas Filho

Departamento Jurídico

Ramiro Laterça de Almeida

Relações Institucionais

Eraldo Pinheiro de Andrade

Editor-Chefe

Guilherme Vicente

Editor de arte/Diagramação

Elton Mark

Colaboradores/articulas

Amanda Lira, Candice Sakamoto Vianna, Gustavo Medrado, João Abreu, Julia Callegari, Louise Cardoso de Mello, Pedro Farias, Vasconcelo Quadros, Victor Cezar

Revisão

Ana Seidl

Editor de Fotografia

Luiz Antônio

Atendimento e Redação

revistagestaopublica@uol.com.br

Publicação: Mensal

Circulação: Nacional

Brasília

SCLN 104 – Bloco D – Sala 104 – 70.733-540 – Brasília-DF
Telefax.: 55.61. 32016018 – 9972 6018
Site: www.revistagestaopublica.com.br

Sucursal São Paulo

Diretor: Cristovan Grazina (licenciado)
Diretor comercial: Nilton Zanca
Diretor Região Norte: Edson Oliveira
Secretário-Executivo: Luiz Alberto Corrêa
Rua Anhanguera 697 – Barra Funda – SP
CEP: 01.135.000

Representantes

Belo Horizonte/MG – Márcio Lima -Tel.: 319986-4986
Rio de Janeiro/RJ – Rizio Barbosa – Tel.: 21 2222-2414
Natal/RN – Tania Mendes -Tel.: 84 9991 1111
Salvador/BA – Eliezer Varjão – Tel.: 71 91650547

ISSN 0103-7323

Registrado no 1º. Ofício de Registro Cível das
Pessoas Naturais e Jurídicas – Brasília- DF

As matérias assinadas são de responsabilidade dos
autores. São reservados os direitos inclusive os de
tradução. É permitida a citação das matérias, desde
que identificada a fonte.

CARTA AO LEITOR



GUILHERME VICENTE

EDITOR CHEFE

Considerado uma das maiores economias do planeta, o Brasil ainda precisa avançar muito no desenvolvimento de políticas públicas para o meio ambiente, educação, saúde e sociedade. Para isso, há de se investir primeiramente em políticas de gestão dos recursos públicos, já que o sucesso de todos os outros dependem exclusivamente de como é gerido o dinheiro do contribuinte.

No Brasil, esta nunca foi uma agenda prioritária, porém torna-se cada vez mais latente, a necessidade de se pensar e de se criar políticas públicas para o setor. Buscar opções inovadoras para a administração do Estado, bem como desenvolver soluções, a curto e longo prazo, para os problemas que o país deve vir a enfrentar futuramente se faz necessário e inadiável.

Pensando nisso, a **Revista Gestão Pública e Desenvolvimento** traz nesta edição especial, uma cobertura completa sobre a *5ª Brazil Conference at Harvard e MIT 2019*, a “Davos brasileira”, que reúne anualmente a comunidade brasileira de estudantes em Boston com líderes e representantes do Brasil, com o objetivo de encontrar soluções inovadoras para o futuro do país.

Vamos falar também do Plano Estratégico do Distrito Federal 2019 – 2060, um documento que reúne iniciativas, metas e ações a serem desenvolvidas pelos próximos 41 anos de Brasília.

Você vai conferir ainda, uma entrevista especial, produzida pela **Pública** – Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo –, com o Presidente da Comissão de Meio Ambiente da Câmara, deputado Rodrigo Agostinho (PSB-SP). Além do nome do novo presidente da Escola Nacional de Administração Pública (Enap), que assume a direção da instituição com o compromisso de aprimorar o serviço público brasileiro.

Boa leitura!



FILIADO



PARCEIRO INSTITUCIONAL



SENADO
FEDERAL

CÂMARA DOS
DEPUTADOS

CÂMARA DOS
DEPUTADOS

Colaboração:



NESTA EDIÇÃO



7 ENTREVISTA

RODRIGO AGOSTINHO
Deputado federal (PSB-SP)
e presidente da Comissão
de Meio Ambiente
e Desenvolvimento
Sustentável da Câmara

SEÇÕES

16 **ESPLANADA EM FOCO**

79 **CURSOS E EVENTOS**

ESPECIAL

I 8 **BRAZIL CONFERENCE 2019**

Saiba como foi a quinta edição da Brazil Conference at Harvard & MIT 2019, um evento realizado anualmente pela comunidade brasileira de estudantes em Boston, que promove encontros com líderes e representantes do Brasil, com o objetivo de encontrar soluções inovadoras para o futuro do país.

AGENDA BRASÍLIA

72 **LEGISLATIVO**

GDF elabora plano estratégico para o centenário de Brasília



SISTEMAS E INOVAÇÃO

76 **ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

Fórum Conjunto Consad/Conseplan



78 **ADMINISTRAÇÃO**

Enap tem novo presidente







“No mínimo, é prevaricação”, diz deputado sobre desmonte da fiscalização ambiental por Ricardo Salles

Presidente da Comissão de Meio Ambiente da Câmara, Rodrigo Agostinho faz críticas contundentes à política ambiental do governo e diz preferir dialogar com ministra da Agricultura

● **Vasconcelo Quadros**
da Agência Pública

Ambientalista, advogado, mestre em ciência e tecnologia com ênfase em biologia e especialista em gestão estratégica pela USP, o presidente da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara, Rodrigo Agostinho (PSB-SP) é homem certo no lugar certo para enfrentar a criticada política para o meio ambiente do presidente Jair Bolsonaro e de seu ministro Ricardo Salles.

“No mínimo, isso se chama prevaricação. É você saber de um ilícito e não tomar providências”, diz o deputado federal de 42 anos, em seu primeiro mandato, ao se referir às posições adotadas pelo presidente e seu ministro ao desautorizar a ação dos fiscais do Ibama na Floresta Nacional de Jamanxim, no Pará, e na Lagoa do Peixe, no Rio Grande do Sul, fartas em irregularidades fundiárias.

Agostinho, que tem visitado as áreas mais problemáticas, lembra

que o desmatamento está aumentando brutalmente na Amazônia. “Só o INPE [Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais] emitiu mais de 20 mil alertas de áreas que estão sendo desmatadas agora nesse começo de ano, um aumento de mais de 200%. E o governo não quer trabalhar com entidade nenhuma. É uma visão bem ideológica”, critica o deputado.

Ex-secretário do Meio Ambiente, vereador por dois mandatos e prefeito de Bauru (SP), Agostinho tornou-se ativista ambiental aos 14 anos e se aprofundou nos estudos sobre o tema. Ele se diz surpreso com a troca de atores na interlocução entre governo federal e ambientalistas:

“Quem está querendo discutir meio ambiente com a gente é a ministra da Agricultura [Tereza Cristina]”, diz, ao constatar que no governo Bolsonaro o grande adversário do setor já não é o agronegócio. O deputado lamenta, no entanto, que Ricardo Salles tenha fechado os canais de negociação. “A administração dele é um equívoco. Se não mudar, e permanecer no cargo,

entrará para a história como o pior ministro do Meio Ambiente”, diz o deputado.

A visível mudança nas diretrizes do Ministério da Agricultura, segundo Agostinho, se deve às exigências dos mercados internacionais, que podem deixar de comprar os grãos e a carne se o Brasil não ajustar sua política ambiental interna. “Vou dar um exemplo do que ocorreu esta semana: a Rússia avisou que, se não baixar a quantidade de veneno, não compra mais a soja brasileira. O governo já liberou este ano 139 novos agrotóxicos”, aponta.

Entre os venenos em uso no Brasil, que já não servem há muitos anos para outros países, está o herbicida 24-D, o famoso agente laranja usado pelos americanos na Guerra do Vietnã.

Dois grandes desafios tomarão o tempo da Comissão do Meio Ambiente nos próximos meses: impedir retrocesso no Código Florestal e a flexibilização das regras de licenciamento ambiental, ambos sob ataque do governo e da bancada ruralista. Veja a entrevista:



Como o senhor avalia o desempenho do governo Bolsonaro na questão do meio ambiente?

RODRIGO AGOSTINHO – É um governo que nunca escondeu, nem na campanha, que tem uma outra visão da questão ambiental, que não é a mais próxima da moderna e que busque a sustentabilidade, a conciliação da conservação do meio ambiente com a produção agrícola. A gente sempre soube que para o Bolsonaro as mudanças climáticas não existem, que é tudo uma ficção e que o Brasil ainda tem muita floresta e pode continuar derrubando. Só não esperava é que as transformações fossem tão profundas.

Por exemplo?

RODRIGO AGOSTINHO – No Ministério do Meio Ambiente, todo o serviço que cuidava de florestas foi transferido para o Ministério da Agricultura. Todo o setor de fiscalização está numa fase que eles chamam de reorganização e a gente chama de desmonte. Então as operações de fiscalização foram reduzidas drasticamente, e isso fez com que nestes primeiros cinco meses do ano aumentassem em muito os casos de desmatamento. Só o INPE emitiu mais de 20 mil alertas de áreas que estão sendo desmatadas agora neste começo de ano – é um aumento de mais de 200%, numa linha de redução.

O desmatamento vinha sendo reduzido com consistência?

RODRIGO AGOSTINHO – Isso data do momento que o Fernando Henrique começou a endurecer com

uma política de combate ao desmatamento, com o aumento da reserva legal em 1996, depois com uma série de medidas ao longo, também, dos governos Lula e Dilma. Agora a gente está tendo um sinal de que pode rolar desmatamento à vontade, porque não tem fiscalização. Inclusive aqui no Congresso se discute hoje uma anistia para todo mundo que derrubou ilegalmente.

“No Ministério do Meio Ambiente, todo o serviço que cuidava de florestas foi transferido para o Ministério da Agricultura”

Quais os riscos dessas mudanças?

RODRIGO AGOSTINHO – De um retrocesso. E a gente percebeu isso acontecer também para os outros espaços da área ambiental. Por exemplo, o setor de educação ambiental foi desmontado, os colegiados que existiam, o Comitê Gestor – o CPCD – que cuida do desmatamento, a Comissão Nacional de Biodiversidade, o Conselho Nacional do Meio Ambiente, o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético, tudo isso não está se reunindo, não está discutindo, não está tendo a formulação de políticas públicas novas e está sendo uma dificuldade para o próprio ministro. Até agora o ministro do Meio Ambiente não

apresentou o planejamento dele para este ano. Ele tem falado muito numa agenda ambiental que é importantíssima, que é a agenda ambiental das cidades, a questão do lixo, do saneamento, a qualidade do ar. Agora essa agenda vinha sendo conduzida pelo Ministério das Cidades. O Ministério do Meio Ambiente mal tem dinheiro para cuidar das florestas e está assumindo uma agenda que é muito pesada, uma fortuna, de trilhões. Ele está vindo com uma agenda que é importante, no lugar dessa agenda florestal, dessa agenda da fauna, mas de maneira muito clara não está tendo efetividade. O governo passado tinha feito um acordo, um Refis do ponto de vista das multas ambientais, fez um megadesconto, liquidação, todo mundo aderiu a esse programa, e arrecadaram-se quase R\$ 2 bilhões de multas.

Foi com o projeto de conversão de multas?

RODRIGO AGOSTINHO – Esse dinheiro foi destinado para a recuperação do rio São Francisco, que era algo que havia sido prometido lá na transposição e que não aconteceu. Então esse dinheiro seria aplicado no saneamento básico do rio São Francisco, para tirar esgoto do São Francisco. Seria aplicado na recuperação das nascentes, das matas ciliares, para combater as erosões. E de repente isso está tudo suspenso, não se aplica, e também não se arrecada mais. Então, assim, é algo que para nós é muito preocupante.

Para onde foi o dinheiro?

RODRIGO AGOSTINHO – Está



parado. O governo falou que não vai liberar. Vai decidir o que fazer, enquanto já tinha tido um destino, algo que foi consensual, depois de muita luta. Desde as obras de transposição do São Francisco se fala na recuperação do rio. São exemplos como esse que deixam a gente numa situação ruim.

A que o senhor atribui essa falta de definição?

RODRIGO AGOSTINHO – Acho que é um conjunto de fatores, mas a maior parte das iniciativas

de recuperação do rio seria feita por entidades locais, entidades da sociedade civil, e o governo não quer trabalhar com entidade nenhuma – é uma visão bem ideológica. Uma outra questão é desmerecer o trabalho do governo e querer criar, em tese, uma coisa nova – o passado não presta, não serve, e o que serve é o que está vindo por aqui. Foi desmontada toda uma estratégia do Brasil de mudanças climáticas que o mundo inteiro reconhecia, de educação ambiental, de licenciamento. Então nós estamos num momento

complicado. E, para nossa surpresa, quem está querendo discutir meio ambiente com a gente é o Ministério da Agricultura.

Como assim? A interlocução está mudando de mãos?

RODRIGO AGOSTINHO – O Ministério da Agricultura está sendo cobrado pelo mundo inteiro que compra nossos produtos agrícolas. O Brasil não pode continuar nessa mesma loucura, em que o país está se transformando numa nova Indonésia.



Caso o governo não mude a política, vocês, ambientalistas, podem recorrer a parceiros internacionais?

RODRIGO AGOSTINHO – Com vários países. Inclusive tenho uma reunião agendada com o embaixador da Noruega. Já conversamos com o pessoal da Alemanha e vários países estão dizendo: “Se o Brasil continuar com esse olhar para o passado, com esse olhar atrasado, que não é uma busca pela sustentabilidade, nós vamos reagir”.

Como seria?

RODRIGO AGOSTINHO – Acho que o mercado externo pode começar a não priorizar mais a compra de produtos brasileiros. Vários países africanos começaram a produzir soja também, o mercado externo pode adotar uma série de sanções, o mercado internacional pode deixar de colocar o dinheiro que vem colocando aqui. A Noruega e a Alemanha têm colocado muito dinheiro para a conservação de nossas florestas.

Já há sinais de descontentamento?

RODRIGO AGOSTINHO – Vou dar um exemplo do que ocorreu esta semana. A Rússia avisou: “Se não baixar a quantidade de veneno na soja brasileira, a Rússia não compra mais a soja brasileira”. O governo já liberou este ano 139 novos agrotóxicos.

Muitos deles proibidos em outros países.

RODRIGO AGOSTINHO – Ao longo dos últimos anos o governo

“o mercado externo pode começar a não priorizar mais a compra de produtos brasileiros. Vários países africanos começaram a produzir soja também”

foi apertando o parafuso, fechando um pouco o registro da liberação de novos venenos, porque o mercado não quer mais, as pessoas olham para a prateleira e procuram qual é sem veneno. De repente o atual governo falou assim: “Nós vamos liberar tudo que estava lá pendente”. Muitos são venenos velhos.

Quais são?

RODRIGO AGOSTINHO – Um que chamou muito a atenção, por exemplo, foi a liberação de várias empresas para comercializar o 24-D. O que é o 24-D? É um herbicida seletivo que é utilizado em plantações e que foi usado na Guerra do Vietnã, o chamado agente laranja. Era o agente laranja da Guerra do Vietnã. O mercado lá fora fala assim: “Espera aí, isso é velho, é um produto já superado, tem um monte de coisa nova menos tóxica para o meio ambiente, coisas mais bacanas, tem controle biológico”. O Brasil está olhando

para o passado, uma coisa tão velha que chegou a ser usada na Guerra do Vietnã e nós estamos continuando a usar, entendeu? A Rússia, que compra essa soja para usar na alimentação do seu gado, não quer dar essa soja para o seu gado. É uma maluquice isso.

Como mudar isso?

RODRIGO AGOSTINHO – O que a gente quer é que o governo tenha uma outra postura. O Ministério da Agricultura, por exemplo, quer combater o desmatamento ilegal, quer introduzir no Brasil uma política de pagamento por serviços ambientais, e isso é uma estratégia que normalmente se faz.

Mas há uma mudança aí, não é?

RODRIGO AGOSTINHO – É uma mudança, mas essa é uma mudança que a gente gostaria de ver sendo debatida pelo Ministério do Meio Ambiente. Acho legal que o Ministério da Agricultura esteja entrando nessa.

Mas o condutor deveria ser o Meio Ambiente.

RODRIGO AGOSTINHO – Deveria. Agora, eu acredito que eles estão nessa estratégia muito mais pela pressão internacional do que por uma questão local.

É o interesse do agronegócio?

RODRIGO AGOSTINHO – Acredito que sim. A gente tem hoje dois agros no Brasil. A gente tem um agro que está preocupado com

essas questões, tem uma agroindústria muito forte no Brasil que quer exportar, que quer ter qualidade e que está atenta com a sustentabilidade. Se não tiver floresta, não tem água, não tem chuva, as secas no Brasil serão mais prolongadas. Uma boa parte das chuvas que tem no Brasil é a umidade que sai da floresta amazônica. Se continuar devastando a floresta você tem o impacto, aqui no Centro-Oeste, enorme na produção de grãos. Então tem um agro que está nessa preocupação. E tem um outro agro ainda muito atrasado, que quer continuar derrubando, que quer continuar desmatando.

Onde está esse agro?

RODRIGO AGOSTINHO – Está em todo lugar, mas você tem as duas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Eu recebi esta semana aqui, por conta da Medida Provisória que mexe com o Código Florestal, várias lideranças do agronegócio falando: “Rodrigo, essa Medida Provisória não pode continuar. Nós temos que implementar o Código Florestal, nós temos hoje 50 milhões de hectares de área degradada no Brasil”.

Qual a razão para não utilizar o que está desmatado?

RODRIGO AGOSTINHO – As áreas que têm floresta são mais baratas. Então continua se comprando floresta no Brasil, derrubando floresta. O pessoal já nem tira mais a madeira, o pessoal põe a floresta no chão, põe fogo e planta. A gente gostaria de ver uma mudança que busque a sustentabilidade.





Sérgio Francês



Quem é o melhor interlocutor, o Salles ou a ministra?

RODRIGO AGOSTINHO – Hoje, para a nossa surpresa, mesmo com as posições do agro, mesmo com algumas posições, a agricultura está sendo melhor interlocutora do que o Salles.

Qual é a sua avaliação sobre o papel do ministro?

RODRIGO AGOSTINHO – Tenho convicção de que ele realmente acredita que está fazendo a coisa certa. E isso é muito preocupante, porque

ele não está apenas para implantar uma política ambiental diferente. Ele tem a convicção de que está no caminho certo, embora não tenha absolutamente nada a ver com conservação. O caminho que está se desenhando dentro do Ministério do Meio Ambiente, para quem está do lado de fora e quem conhece, é o de desmonte. O Ministério do Meio Ambiente sequer tem mais o controle do próprio cadastro do Código Florestal.

Onde pega mais essa questão do desmonte em relação ao Ibama?

RODRIGO AGOSTINHO – Tem várias situações. A hora que você segura o orçamento, as operações de fiscalização que deveriam ir a campo não estão mais indo. O próprio ministro fala: “Não vai ter fiscalização”. Nós estivemos agora na Floresta Nacional do Jamanxim [PA], que foi concessionada. Uma empresa ganhou para tirar madeira de forma organizada de lá, com manejo sustentado, e de repente a área inteira está sendo invadida. Os técnicos e os fiscais do Ibama foram lá para fiscalizar e acabaram desautorizados pelo próprio ministro e pelo presidente. Ambos disseram:

“Não vai ter fiscalização lá”. Essa situação é muito grave.

Como entender a posição do governo?

RODRIGO AGOSTINHO – No mínimo, isso se chama prevaricação, é você saber de um ilícito e não tomar providência. O próprio governo tem segurado. A reação a essas medidas tem sido muito dura, inclusive internacionalmente. Os fiscais não estão conseguindo ir a campo. Nós tivemos um caso específico muito recente na lagoa do Peixe, onde houve um processo de coação, de assédio do ministro em relação aos técnicos que trabalham lá. É a área mais importante para as espécies migratórias que chegam ao Brasil, de descanso para aves migratórias do mundo todo, no sul do Rio Grande do Sul. É um parque nacional, parte da área não regularizada ainda. As pessoas que estão lá na posse são proprietárias rurais que muitas vezes não conseguem comprovar a propriedade e não foram indenizados. Ao invés de ficar do lado da unidade de conservação e dizer que trabalharia pela regularização da indenização a quem tiver direito, o ministro foi lá e falou: “Olha, se precisar a gente acaba com esse parque”.

O ministro também entrou em atrito com fiscais do Ibama.

RODRIGO AGOSTINHO – O que acontece? Você tem uma pessoa que produz dentro de uma área que é protegida e acha que tem toda a liberdade para fazer o que quiser dentro da área. Então a pessoa se

“Uma boa parte desse desmatamento está ocorrendo em terra pública, em área não destinada, área que no passado foi de alguém que não utilizou e passa a ser considerada como devolvida

sente constrangida a hora que recebe um auto de infração. Só que o funcionário está ali cumprindo a ordem, cumprindo a lei, e de repente chega o próprio ministro e fala: “Se continuar autuando, vou abrir processo contra todo mundo, vou abrir sindicância”. Então isso é uma situação de desequilíbrio que não pode acontecer. A gente vê que é um governo que tem um ar de autoritarismo, o ministro faz tudo da cabeça dele, ouvindo não necessariamente as pessoas que estão no dia a dia da prática do trabalho de conservação ambiental.

Qual o reflexo disso em regiões como a Amazônia?

RODRIGO AGOSTINHO – Criam fragilidade em todo o sistema de controle do desmatamento. Vou dar alguns exemplos: inúmeras terras indígenas atualmente estão sendo invadidas porque ouviram o discurso do presidente dizendo: “Índio tem terra demais, vocês podem fazer mineração lá, vocês podem fazer

garimpo, faz o que vocês quiserem. Eu estou bancando essa história”. Isso é muito ruim. Você manda uma mensagem para a sociedade de que “pode fazer que a gente segura as pontas aqui”. A Amazônia está muito próxima de um ponto que os especialistas chamam de ponto de virada. A hora que você atinge esse ponto de virada, a floresta começa a entrar em declínio. A floresta, que é úmida, passa a se tornar cada vez mais seca. Se acontecer, vai ter um processo de desertificação da Amazônia e um problema enorme para o Centro-Oeste e para o Sudeste, que usam a água da Amazônia. Quando chove em São Paulo, no Rio de Janeiro e abastece as cidades, é a água que está vindo da Amazônia. Quando chove nas plantações de soja de Goiás, do Tocantins, do Mato Grosso, é chuva que está saindo da Amazônia. Então o caminho para a sustentabilidade é um caminho diferente do que está sendo trilhado.

Quem desmata?

RODRIGO AGOSTINHO – Uma boa parte desse desmatamento está ocorrendo em terra pública, em área não destinada, área que no passado foi de alguém que não utilizou e passa a ser considerada como devolvida – por isso é chamada terra devoluta – e hoje não está destinada. Essas áreas públicas estão sendo invadidas. Tem uma máfia de grilagem de terra pesadíssima na Amazônia, o Cadastro Rural mostrou isso. Nós chegamos ao ponto de termos uma mesma área sendo reivindicada por quatro pessoas diferentes – os quatro com documentos.



Ou seja, o cartório esquentou documento para quatro pessoas diferentes, e não acontece nada.

Uma fração de terra de quatro andares, vertical.

RODRIGO AGOSTINHO – Nós temos no Brasil inteiro situações parecidas, mas na Amazônia é muito grave a situação fundiária. Nós temos áreas que estão se sobrepondo. Uma mesma área que é terra indígena tem três, quatro proprietários que também reivindicam, mas não estão cadastrados no Incra e não pagam ITR. É uma maluquice total. Isso foi escancarado pelo Código Florestal, porque todo mundo teve que fazer o cadastro.

O que está por trás do esvaziamento do Ibama?

RODRIGO AGOSTINHO – O governo ainda não deixou claro quais são suas intenções. Eu tenho certeza que essas estruturas vão permanecer, vão resistir. O problema é que você tem o enfraquecimento de uma estratégia que está sendo adotada há mais de 20 anos. Nós tivemos lá atrás a extinção de vários órgãos, a fusão e a criação do Ibama, que precisa ser valorizado, precisa ser reconhecido, que está longe de ser a estrutura ideal que a gente precisa para o Brasil.

Como mudar esse cenário?

RODRIGO AGOSTINHO – O Brasil tem a maior biodiversidade do mundo, tem quase 60% de florestas, muitas delas bem depauperadas. A Mata Atlântica inteira foi esvaziada, não tem mais bicho, não tem mais

“O Brasil tem a maior biodiversidade do mundo, tem quase 60% de florestas, muitas delas bem depauperadas. A Mata Atlântica inteira foi esvaziada, não tem mais bicho, não tem mais fauna”

fauna. A gente tem que usar as ferramentas que tem, e o que se vê é que o governo resolveu caminhar na direção errada. O problema é o ministro do Meio Ambiente não defender o meio ambiente.

Falta entendimento entre os órgãos estatais?

RODRIGO AGOSTINHO – O que sempre aconteceu é que o ministro da Agricultura sentava de um lado da mesa, o do Meio Ambiente, do outro, e iam brigando, brigando, até chegar num acordo e falar: “Olha, isso aqui é o razoável. Você desmata até aqui e daqui para frente vai virar um parque, pronto e acabou”. Hoje não tem mais essa discussão.

Falta conhecimento ou é intencional?

RODRIGO AGOSTINHO – Acho que é intencional, mas é um intencional de forma desorganizada. O

desmonte é intencional, só que até agora a gente não viu o que ele vai colocar no lugar. Cada hora ele fala uma coisa. Ele foi chamado aqui na Câmara para apresentar o planejamento do ministério e não apresentou planejamento nenhum.

Que avaliação o senhor tem do trabalho de Salles?

RODRIGO AGOSTINHO – Eu acho que a administração dele está sendo um equívoco. Ele precisa fazer uma correção de rumo urgente. Se permanecer como ministro, ele tem o dever de mostrar um outro caminho; caso contrário, ele vai ficar na história como o pior ministro que o Meio Ambiente já teve.

Em 2012, por exemplo, o presidente foi multado pescando irregularmente. Até que ponto essas coisas pessoais são levadas para a institucionalidade?

RODRIGO AGOSTINHO – A gente se sente envergonhado porque é o seguinte: quando recebo uma multa de trânsito, eu pago porque eu sei que estava equivocado, porque num determinado momento eu tinha que estar respeitando a velocidade e não estava, porque eu estava usando o celular no trânsito e não deveria. Ele estava pescando no lugar errado. Podia estar pescando no lugar errado por desconhecimento, não tem nenhuma placa, é uma ilha, podia estar pescando por desconhecimento. Mas estava errado. Podia estar pescando de forma irregular intencionalmente. Talvez era o mais provável, porque ele conhece a região, porque não é um turista

numa região desconhecida. A equipe do Ibama alertou e ele falou: “Daqui não saio”. Foi autuado e conseguiu agora reverter a própria multa e o fiscal foi punido. É uma maluquice isso. Aquela reserva de Tamoios existe porque em frente dela tem uma usina nuclear. A reserva de Tamoios foi criada dentro da compensação da usina nuclear para ali ser o ponto de medição. Ali é medida a radioatividade, a qualidade ambiental do local para saber se a usina está ou não causando impacto ambiental. Ali é um lugar muito sensível, e para minha surpresa o Bolsonaro, presidente, falou nesses últimos dias que vai transformar aquilo numa Cancún brasileira. Como ele sofreu um enfrentamento naquela ilha, foi autuado por estar pescando no lugar errado, a reação é em sentido contrário e desproporcional.

Tem a ver com a promessa de acabar com a “indústria da multa”?

RODRIGO AGOSTINHO – Acho que ele carrega muito essas coisas e usa como discurso. As pessoas que são multadas no trânsito também usam a mesma frase, mas, se estivessem na velocidade correta ou estacionado no lugar correto, não seriam multadas. O que a gente percebe é uma estratégia diferente – “Ah, fui multado, vou acabar com a fiscalização”. Isso não dá para aceitar.

Esse novo Congresso pode mudar o Código Florestal?

RODRIGO AGOSTINHO – Nós temos quase 20 projetos tramitando, um deles encampado pelo próprio



filho do Bolsonaro no Senado, acabando com o instituto das reservas legais, o que é uma vergonha, porque é o mínimo que cada propriedade tem que ter de floresta – isso é lei no Brasil desde 1934, e antes disso já tinha um outro mecanismo de proteção das nossas florestas. E nós temos agora, na pauta, na agenda do dia 3 de junho uma Medida Provisória que apenas prorrogava um prazo e que de repente está sendo utilizada para desmontar a estrutura do Código Florestal com proposta de nova anistia. É uma anistia de 5 milhões de hectares para pessoas que

desmataram irregularmente e que não vão precisar nem recuperar nem compensar. Isso é um tiro no Código Florestal, um sinal muito ruim para todos aqueles proprietários que resolveram cumprir a lei e fizeram a sua reserva. Quantos proprietários no Brasil fizeram a reserva? Quase todos – 90% dos proprietários brasileiros fizeram do jeito correto, deixaram a sua reserva, e de repente para esses caras vai ficar o quê? “Vocês são tontos, vocês não precisavam ter feito porque os que não fizeram serão anistiados.” A gente espera que não seja votada, mas se for, que seja mantido o texto original. ●



ESPLANADA EM FOCO

Marcelo Camargo/Agência Brasil



“Sobre supostas mensagens que me envolveriam publicadas pelo site Intercept neste domingo, 9 de junho, lamenta-se a falta de indicação de fonte de pessoa responsável pela invasão criminosa de celulares de procuradores. Assim como a postura do site que não entrou em contato antes da publicação, contrariando regra básica do jornalismo. Quanto ao conteúdo das mensagens que me citam, não se vislumbra qualquer anormalidade ou direcionamento da atuação enquanto magistrado, apesar de terem sido retiradas de contexto e do sensacionalismo das matérias, que ignoram o gigantesco esquema de corrupção revelado pela Operação Lava Jato”

Sérgio Moro, ministro da Justiça e da Segurança Pública, em nota à imprensa após vazamento de conversas com o procurador da República Deltan Dallagnol.

Wilson Dias/Agência Brasil



“A medicina não tem uma solução fácil para a questão das drogas. As drogas acabam sendo uma questão de troca, de conversão. A pessoa vai ter um filho. Em nome desse filho, ela larga o vício das drogas. Em nome da mãe, em nome do pai, de um novo amor, de uma estrutura familiar, ela larga”

Luiz Henrique Mandetta, ministro da Saúde em discurso no Seminário Intersetorial de Prevenção, Conscientização e Combate às Drogas, em Brasília.

Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



“Vamos desacelerar essas contratações agora, ficar sem contratar por um tempo. Vamos informatizar. 40% dos funcionários públicos devem se aposentar nos próximos 4, 5 anos. Então não precisaremos demitir ninguém, basta desacelerar a entrada de novos servidores que vai acontecer naturalmente a redução desse excesso sem custos, sem briga, sem demissões”

Paulo Guedes, ministro da Economia em audiência pública na Câmara dos Deputados

“O deputado Samuel Moreira vem construindo um relatório equilibrado pelas informações que temos recebido. A grande preocupação é que exista uma boa potência fiscal. Sabemos desde o início que a Câmara tem uma série de questões, assim como o Senado também, e seguramente vamos ter no relatório potência fiscal com o atendimento das demandas do Parlamento, para que, se Deus quiser, possamos aprovar ainda em junho a nova Previdência”

Onyx Lorenzoni, ministro-chefe da Casa Civil, sobre a reforma da Previdência.



“Ele será um plano que não será o plano que a gente desejava, maior do que o plano do ano passado. Ele vai ser um plano mais ou menos do mesmo tamanho. O que a gente pode ter é algumas modificações, vamos dizer, em taxas de juros que poderão ser [...] aumenta um pouquinho num programa, diminui no outro para a gente poder fazer com que ele fique do tamanho que foi ano passado”

Tereza Cristina, ministra da Agricultura comenta o Plano Safra 2019 durante o 1º Fórum de Líderes do Agronegócio, em Campinas (SP).



“Podem se manifestar à vontade, mas a frase que tem sido dita sobre o desmonte é absolutamente inverídica. Ao contrário, o desmonte foi herdado de gestões anteriores. Quem recebeu a fragilidade orçamentária, fui eu. Quem recebeu um déficit gigantesco de funcionários, fui eu. Quem recebeu frotas sucateadas e prédios abandonados, fui eu. Portanto, se houve desmonte, houve antes, não agora”.

Ricardo Salles, ministro do Meio Ambiente, em discurso durante sessão solene no Congresso Nacional, em comemoração ao Dia Mundial do Meio Ambiente



Brazil Conference 2019

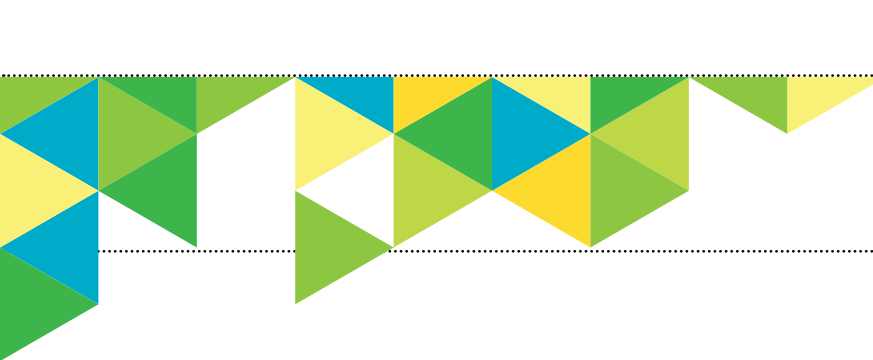
Saiba como foi a quinta edição da *Brazil Conference at Harvard & MIT 2019*, um evento realizado anualmente pela comunidade brasileira de estudantes em Boston, que promove encontros com líderes e representantes do Brasil, com o objetivo de encontrar soluções inovadoras para o futuro do país.





Karapophoto / Envato

Daniluck / Envato



Cinco anos da “Davos brasileira”

● **Pedro Farias**

Três anos depois de ser nomeada como a “Davos brasileira”, a *Brazil Conference at Harvard and MIT* completa cinco anos de existência. Essa quinta edição, focada em unir o nosso país e procurar soluções práticas para os problemas que nós encaramos, foi a maior edição desde a criação da conferência.

Foi uma edição de recordes - dobramos o prêmio da *HackBrazil* para R\$100,000 – expandindo ainda mais o nosso apoio direto a empreendedores brasileiros, dobramos o tamanho do nosso programa de Embaixadores - permitindo que 10 estudantes de universidades brasileiras puderam participar gratuitamente em nossa conferência e leva-la aas suas comunidades, tivemos o maior número de acompanhantes online e mais de 100 centros locais – grupos de brasileiros que organizaram eventos em suas cidades para acompanharem a conferência ao vivo, tivemos o maior número de participantes presenciais (e o maior número de estudantes na conferência), e estendemos nossa conferência para três dias.

Além da tremenda expansão de nosso alcance, o impacto da conferência foi claro. Reunimos o Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira com Reitor de Admissões de Harvard para discutirem como pensam em desenvolver o talento da próxima geração de líderes. Ouvimos o Salman Khan, criador da KhanAcademy, descrever como podemos democratizar e melhorar a educação pelo mundo. O Vice-Presidente da República, General Hamilton Mourão, respondeu às perguntas de acadêmicos das duas melhores universidades do mundo.

Agora, continuamos o nosso impacto concretizando todas essas discussões de maneira física e empresa- por meio desta parceria com a revista *Gestão Pública*. Com isso, levamos essas discussões para ainda mais brasileiros e tornamo-las permanentes. Com isso, unimos ainda mais o nosso país, porque sabemos que Juntos Somos Mais.

Para mais informações sobre a *Brazil Conference*, visite nosso site em www.brazil-conference.org e nos siga no Instagram em [@brazil_conference](https://www.instagram.com/brazil_conference).



Do Parque São Jorge para o mundo

Gustavo Medrado *



Enquanto estava em Cambridge, na correria gostosa da conferência, parei por alguns instantes para checar minhas redes sociais e encontrei essa mensagem inbox. Era um aluno de minha antiga escola secundarista, Escola Estadual do Parque São Jorge, localizada na periferia de Uberlândia-MG. Ele havia visto uma matéria da imprensa local divulgando essa conquista, minha participação enquanto documentarista na *Brazil Conference at Harvard and MIT*.

Por um instante, eu parei. Me senti como se fosse transportado para as ruas do Bairro São Jorge, onde vivi toda minha adolescência. Consegui imaginar o portão da escola se abrindo, os servidores nos dando bom dia por onde passávamos, os alunos entrando nas salas e os professores iniciando suas aulas. Por um momento, meus olhos lacrimejaram. Fiquei emotivo ao lembrar das condições em que estudávamos. Faltavam cadeiras para todos os alunos, chovia mais dentro da sala do que fora. Brincávamos que era possível estudar arqueologia na prática dentro da própria sala, já que haviam buracos enormes no chão.

Faltava muita coisa. Faltava infraestrutura, salário digno para os professores e, principalmente, oportunidades. Mas em compensação, nos transbordava esperança. E se eu pudesse resumir em uma palavra o que eu senti ao ler aquela mensagem inbox seria isso, esperança. Esperança

por perceber que aquela conquista não era apenas minha, que não era eu, o indivíduo Gustavo Medrado que estava diante de duas das melhores universidades do mundo, mas sim toda a minha comunidade, a juventude periférica lá representada.

E foi também esse sentimento que a *Brazil Conference* me proporcionou, a esperança de dias melhores. A todo momento só se ouvia falar em inconformidade, em ser agente de mudança, em não aceitar o Brasil como um país fadado a viver eternamente com os problemas sociais que tanto nos afligem. E tudo isso ia novamente de encontro com tudo o que meus professores diziam, de que éramos capazes de transformar nossas realidades e viver dias melhores. E foi aí que eu me encontrei.

Me encontrei diante da pluralidade de ideais e dos brainstorms constantes sobre o que cada um poderia fazer para transformar o país. Me encontrei na juventude que em que acredito muito bem representada pelos embaixadores de cada uma das 5 regiões. Conviver esses dias ao lado de pessoas incríveis como eles era o combustível extra que faltava para energizar os próximos passos de nossa caminhada. E digo isso de coração. Às vezes, diante das desventuras que nos deparamos, ficamos cabisbaixos e desesperançosos. Por muitas vezes, cheguei a me questionar se valia a pena seguir lutando. E agora, após conhecer e documentar as histórias incríveis de cada embaixador e embaixadora, não só tenho a certeza de que vale muito a pena, como creio que estamos cada dia mais perto de virarmos esse jogo.

E seguindo nesse espírito, foi impagável ouvir alguns dos *speakers* falarem sobre temáticas que estão diretamente ligadas à nossa realidade.

Me emocionei ao ouvir do Tenente Pedro Aihara sobre o resgate em Brumadinho; da Youtuber Gabi Oliveira sobre as lutas das “minorias” sociais, em especial contra o racismo; do Ministro Luís Barroso sobre o aborto como problema de saúde pública; da Denise Amador sobre os desafios e avanços da agricultura familiar e agroecologia; do Youtuber Felipe Castanhari sobre a possibilidade de desenvolver conteúdo de qualidade que auxilie na educação de jovens e crianças e, principalmente, da Deputada Tabata Amaral sobre os espaços de poder alcançados pela juventude periférica.

De todos os *speakers*, a história da Tabata foi a com que mais me identifiquei. Temos a mesma origem social e o mesmo desejo de transformar nossas realidades, propiciando que mais jovens como nós tenham acesso à educação de qualidade. E foi com ela uma das memórias mais marcantes da BC. Ao final da entrevista que fizemos, compartilhei um pouco de minha história. Ela, sem titubear, me disse: agora, continue lutando para que mais jovens como nós ocupem esses espaços.

E é exatamente essa missão que me move. Trago essas palavras de volta a minha realidade. Sou voluntário em uma ONG chamada Missão Escola da Vida. Ela atua na periferia de Uberlândia complementando a base escolar de jovens e crianças que convivem com a ineficácia do Estado. E eu sou fruto desse projeto. Há 10 anos, fui beneficiado por uma de suas ações, a Sociedade de Debates Escola da Vida (SDEV) e hoje sinto que tenho o dever de retribuir. Por isso, vamos frequentemente às escolas da região para oferecer o mesmo apoio fundamental que tive anos atrás. E assim, seguindo a tarefa que a Tabata me incumbiu, acreditamos ser por esse caminho, pela educação, que mais jovens como nós terão condições de reescreverem suas histórias.

*** Gustavo Medrado** é Jornalista em formação pela Universidade Federal de Uberlândia. Documentarista audiovisual.



Fernanda Naragami

“E é exatamente essa missão que me move. Trago essas palavras de volta a minha realidade. Sou voluntário em uma ONG chamada Missão Escola da Vida”



Uma experiência transformadora

● **Amanda Lira**

Selecionada para atuar como documentarista pela *Brazil Conference at Harvard and MIT* neste ano, estive pela primeira vez fora do país. Como diante de tudo que é novo, impressionei-me com a grandiosidade dos acontecimentos que nem em meus mais auspiciosos sonhos seriam imagináveis.

Desde antes da viagem, quando ainda estava em fase de preparação, Tabata Amaral já se destacava entre as figuras a quem mais gostaria de entrevistar. Não era para menos. Afinal, além de ser uma inspiração pessoal e um dos principais nomes da “nova política”, Tabata estava diretamente atrelada à fundação do fórum do qual agora tinha a honra de participar.

Já durante a conferência, as expectativas em torno da conversa com Tabata foram mais do que superadas. Com suas ideias sempre bem articuladas, ela falou sobre educação, sobre política e sobre sua relação com a *Brazil Conference*. Foi pouco antes de desligarmos as câmeras, contudo, que ela dividiu conosco o pensamento que melhor demarcaria a sua fala.

Periférica e graduada em Harvard, a ativista falou sobre os rótulos que sobre ela tentavam impor e aos quais ela recusava veementemente. “O mundo é bem

mais amplo quando a gente sai dessas caixinhas. Espero que a *Brazil Conference* seja a oportunidade de as pessoas fugirem um pouco delas. Eu garanto que a vista daqui é bem melhor”, concluiu. À medida em que me envolvi com a conferência, esse pensamento fez cada vez mais sentido.

Apesar de todos os nomes de peso que ministraram os painéis, foi com estudantes brasileiros como eu que aprendi algumas das maiores lições da *Brazil Conference*. Escolhidos por seu ativismo social, esses jovens provaram que é possível transformar a realidade com pequenas ações.

Com projetos nas mais diversas áreas, eles me ensinaram mais uma vez sobre sair das caixas: afinal, não existe uma fórmula pronta para promover impacto social.

É preciso identificar o problema, traçar caminhos e sair da zona de conforto. Agir.

Envolvida em iniciativas educacionais, a embaixadora Mariana Zanholo foi quem primeiro me falou sobre isso. Ao comentar sobre a importância da educação para os caminhos que trilhou, ela anunciou a decisão que tomara: “passei a ter como missão fazer com que a informação e a estrutura necessárias para a construção de uma educação sólida chegassem a todos os jovens brasileiros”.

O documentarista Gustavo Medrado, atuante na área de audiovisual, compartilhou comigo pensamento semelhante ao justificar seu envolvimento



com o projeto Escola da Vida, em Uberlândia. Para ele, era fundamental retribuir o impacto que a iniciativa tivera em sua vida sendo uma inspiração para as gerações que lhe sucederiam.

Proporcionar a outras pessoas as oportunidades que fizeram ou que fariam diferença em sua própria vida. Essa é uma postura recorrente entre aqueles com quem tive a oportunidade de dialogar durante a *Brazil Conference*. A potência da união desses esforços é incrivelmente inspiradora e motivacional.

O contato que nos foi proporcionado com o jornalista Murilo Salviano foi mais um dos reflexos disso. A princípio presente para acompanhar a *Brazil Conference* como espectador, a convite das coordenadoras do programa de documentaristas, o comunicador se dispôs a contribuir para nossa formação pessoal, profissional e cidadã.

Com a prestabilidade e atenção de quem ama o que faz, doou seu tempo e nos lembrou de como o jornalismo pode ser chave para as mudanças que queremos e precisamos.

Sai da *Brazil Conference* com a certeza

“ Não há fórmulas para se promover a mudança. O compromisso de estudantes brasileiros em Harvard e no MIT de modificar, ainda que à distância, o seu país de origem para mim é a prova mais concreta de que há esperança”

de que, de fato, podemos construir um país melhor para todos. Hoje reconheço que há pessoas realmente empenhadas em fazer isso acontecer e, mais importante, dispostas a motivar mais brasileiros a fazerem o mesmo. Implco-me, satisfeita, dentre estes que, após a conferência, sentiram-se encorajados a assumir sua própria responsabilidade. Afinal, não é necessário ser alguém extraordinário para impulsionar a ação: basta o desejo de transformar.

Eu poderia escrever longas linhas sobre as entrevistas realizadas ou sobre como a *Brazil Conference* representa um marco em minha vida profissional. Hoje, entretanto, nada disso faz tanto sentido quanto o impacto dessa experiência na minha postura como brasileira. Perceber aquilo que sempre esteve diante dos meus olhos é o maior legado que trago de volta para o país: ainda existe muito a ser feito e qualquer um de nós pode contribuir.

Repito: não há fórmulas para se promover a mudança. O compromisso de estudantes brasileiros em Harvard e no MIT de modificar, ainda que à distância, o seu país de origem para mim é a prova mais concreta de que há esperança. Nós podemos e iremos abdicar de nossas caixinhas e contemplaremos no futuro uma vista bem melhor.



Presidindo a Davos Brasileira

● **Pedro Farias**

Tive a grande honra de servir como co-Presidente, junto de Elisa Mansur, Victoria Almeida e João Abreu, desta celebração de cinco anos da *Brazil Conference*, uma plataforma de diálogo que construímos para debater os mais diversos problemas no nosso país. Esta foi a terceira edição na qual participei, na equipe organizadora, e ver o evento continuar crescendo, desde que se estabeleceu como a Davos brasileira em 2017, tem sido uma experiência transformativa e excepcional, sem a qual minha experiência como estudante de graduação em Harvard dificilmente seria tão rica.

Quando o ano letivo começou nos EUA, no início de setembro, conseguimos construir um time que representava o Brasil que queremos: diverso, plural e sempre aberto ao debate e à construção coletiva. Foi assim que, desenhando os temas que iríamos debater e pensando nos palestrantes que convidaríamos - após bastante discussão com o time sobre quem seriam as pessoas que teriam maior “poder de caneta” para agir positivamente sobre esses temas -, trabalhamos para fechar parcerias com empresas e fundações que nos apoiam há vários anos, com o objetivo de expandir nossos programas que levam o impacto da conferência ao Brasil, como o Programa de Embaixadores e a HackBrazil, e traçar toda a logística do evento para acomodar o elevado número de palestrantes e participantes.

Trabalhamos então o ano inteiro, até que, finalmente, abril chegou.

A sexta-feira foi bastante corrida, com a maioria dos nossos participantes se credenciando. Nosso time, porém, estava alinhado e havia passado por diversos treinamentos em preparação para isso. Discutimos assuntos extremamente importantes na sexta, como segurança, que foi um dos principais temas nacionais nas últimas eleições, e filantropia, uma área que ainda é pouco desenvolvida no Brasil,

mas tem tremendo potencial para melhorar nosso país.

Sábado foi um pouco mais trabalhoso. Estava bastante ansioso para o painel sobre talentos que teríamos com o Jorge Paulo Lemann e o Reitor de Admissões de Harvard, já que eu planejava uma surpresa para o painel - tinha convidado o Marcel Telles e o Carlos Alberto Sicupira, amigos e sócios de décadas do Lemann, para fazerem uma participação especial no painel. Foi para mim uma felicidade muito grande ter realizado esse grande sonho de conseguir entrevistar o trio da 3G Capital, e de ter organizado uma surpresa para o Lemann, alguém que considero meu mentor e que admiro não só por sua proeza empresarial mas também por sua generosidade com seu tempo e recursos. Estava extremamente satisfeito com o resultado do dia mas, mesmo assim, dormi ansioso para o domingo, pois seria naquele dia que eu estaria entrevistando o Vice-Presidente da República.

Domingo começou mais tranquilo - não tínhamos muitos convidados para serem credenciados, o time todo já estava craque na parte logística, e os participantes já conheciam bem o espaço e o ritmo da conferência. Mesmo assim, não é qualquer dia que você consegue entrevistar o Vice-Presidente da República em frente a autoridades como o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, o Presidente do Supremo Tribunal Federal Dias Toffoli, governadores, deputados e senadores, líderes empresariais e empreendedores e o Jorge Paulo Lemann.



Chegou então a hora da entrevista. Conforme acordado, o Gen. Mourão discursou por 15 minutos, falando sempre com autoridade.

Após sua fala, moderei as perguntas feitas por acadêmicos presentes na conferência e, em seguida, fiz perguntas enviadas pelos participantes presenciais e online. Respondendo sempre com expertise, Mourão conseguia mesmo assim transmitir seu forte carisma.

Não concordei com partes do discurso do Vice-Presidente, nem com todas suas respostas, mas o importante não é todos concordarem – é estarem abertos ao diálogo e ao debate. Nesse sentido, Mourão brilhou – respondeu todas as perguntas, algumas com mais brincadeira que outras, mas sempre de maneira respeitosa e franca. Ele frisou a importância do diálogo e da união. Desta maneira, a entrevista acabou sendo fácil e muito inspiradora.

Logo após a participação do Vice-Presidente, tivemos o encerramento com a banda de Brumadinho, que encantou a todos com sua missão e trajetória de superação. Com o fim da *Brazil Conference*, senti-me realizado. Depois de meses de preparo, todo o trabalho conjunto do time garantiu o sucesso do evento. Ao mesmo tempo, sabemos também que não podemos simplesmente sentir que a missão foi cumprida e seguir para a próxima. Ao contrário, precisamos continuar sempre expandindo essa plataforma de diálogo e garantindo a maior pluralidade possível, porque sabemos que só juntos conseguimos criar um Brasil melhor: Juntos Somos Mais.

“Não concordei com partes do discurso do Vice-Presidente, nem com todas suas respostas, mas o importante não é todos concordarem – é estarem abertos ao diálogo e ao debate”



Brasil: “Distante na rotina e muito próximo na alma”

● João Abreu

“Que tal se candidatar para ser co-presidente da *Brazil Conference 2019*?”

Há exatamente um ano, eu estava concluindo o primeiro ano do meu mestrado em Administração Pública em Harvard. Nessa época um dos meus melhores amigos, estudante do mesmo curso na época, me fez a provocação acima.

“Hum... Não, obrigado”. Foi a primeira coisa que pensei.

Muito, muito trabalho, e a um custo muito alto: quando se tem o privilégio de passar dois anos em Harvard, cada minuto conta. Afinal, o mestrado não ia durar pra sempre. E já tinha passado metade.

Mas aos poucos este mesmo amigo, e outros, foram me convencendo do lado bom desta oportunidade. A chance de decidir o formato e temas de uma das mais influentes conferências sobre o Brasil no mundo.

A interação com palestrantes, brasileiros e estrangeiros, que são lideranças em suas respectivas áreas. O aprendizado inerente em organizar uma conferência para 900 pessoas. Etc, etc.

Sem dúvida, bacana. Mas não me convenci. Não até o último argumento.

“E o time... Quando na sua vida você vai liderar um time composto de estudantes brilhantes de Harvard, MIT, Boston University, Northeastern... trabalhando, voluntariamente, por acreditarem na missão do evento?”.

Hum. Isso é verdade. Topei, e meu nome foi validado pelo time. Eu seria o Co-presidente de Conteúdo e Comunicação da *Brazil Conference 2019*. Em Setembro de 2018, começamos as reuniões com todo o time.

O QUE QUEREMOS, E QUEM QUEREMOS?

Primeira decisão: sobre o que queremos falar? Quais são os assuntos mais urgentes do Brasil hoje?

Decidi discutir e deliberar isso coletivamente.

Não é fácil ter essa reflexão com mais de 40 pessoas - leva tempo, e envolve discussões difíceis. Mas ao mesmo tempo torna o processo muito sólido, muito bem pensado e, mais importante, faz o resultado final refletir as percepções e visões de um grupo muito heterogêneo.

Decididos os temas, fizemos o mesmo com os palestrantes: em grupo, discutimos quais seriam os nomes mais adequados para os palestrantes da BC19. Aqui, foi ainda mais difícil: cada um tem a sua visão sobre os nomes ideias para cada assunto. Mas nossa missão era clara: queremos misturar todas essas visões, e não escolher uma.

Foram reuniões praticamente toda semana, de Setembro de 2018 a Abril de 2019.

CHEGANDO PERTO DA CONFERÊNCIA: AS CRÍTICAS E OS ELOGIOS

Na frente de Comunicação, os desafios chegaram mais perto da Conferência. Nas redes sociais, quando postávamos a participação de palestrantes identificados com um lado do espectro político, recebíamos uma chuva de críticas do lado oposto.

A sinalização era clara: o Brasil estava mais polarizado do que nunca, e a nossa missão de trazer diferentes perspectivas sobre o mesmo problema seria mais desafiadora do que em toda a história da *Brazil Conference*.

No dia da Conferência, tudo correu surpreendentemente bem. Sempre que algo parecia que ia dar errado - a comida parecia que ia acabar, a fila para entrar nas salas parecia desorganizada, o credenciamento parecia que ia ficar lotado - alguém do time aparecia e, espontaneamente, organizava os demais membros da equipe e prevenia o problema. Mesmo que aquilo não tivesse nada a ver com as responsabilidades daquela pessoa.

Foi vendo isso acontecer que eu tive, pela primeira vez, a sensação de dever cumprido. Conseguimos fazer não só um evento incrível e marcante na história da *Brazil Conference*, mas também fazê-lo de uma forma correta, organizada, transparente e justa, de forma que cada um se sentisse parte daquele projeto.



“DISTANTE NA ROTINA E MUITO PRÓXIMO NA ALMA”

Quando fiz a abertura da *Brazil Conference 2019* (foto), meu objetivo era explicar aos presentes por que, afinal, nós da organização decidimos nos dedicar a criar aquele evento. Expliquei assim:

A pergunta mais comum de ouvir quanto você é um estudante brasileiro fora do Brasil, e encontra outro brasileiro, é: “e aí... vai voltar?”. Muitas vezes, a pessoa nem te espera responder e solta um “cara, não volta não. O Brasil tá difícil, fica por aí mesmo”.

Eu nunca tive nem uma sombra de dúvida diante dessa pergunta. Eu sempre soube que eu ia voltar pro Brasil. E não importa o que aconteça, essa é uma das minhas certezas.

A *Brazil Conference* é isso: é uma forma de voltarmos ao Brasil, antes de voltar. É uma forma de darmos nossa contribuição, ainda que pequena, ainda que distantes.

Como disse a Ana Carla Abrão, uma de nossas palestrantes em 2019, hoje o país está, para mim, “distante na rotina e muito próximo na alma”.

A *Brazil Conference* me mostrou que eu não estou sozinho nessa.



Painel + Diplomacia

O Brasil na América Latina

● Candice Sakamoto Vianna*

“Qual é o sonho latino-americano? Há um sonho comum? Se sim, temos que buscar esse sonho. Porque as pessoas não se movem só pelo bolso, se movem também pelo coração”. Com essas palavras, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso sintetizou o objetivo do painel “+Diplomacia: o Brasil na América Latina”.

No primeiro ano em que a Brazil Conference trouxe ao público temas de política externa, o painel +Diplomacia reuniu líderes latino-americanos para tratar dos desafios da nossa região e do papel do Brasil em seu entorno. Estiveram ao lado de FHC o ex-presidente do Equador, Jamil Mahuad, e o Chefe de Gabinete do Secretário-Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), Embaixador uruguaio Gonzalo Koncke, em um debate tão enriquecedor quanto a enorme experiência dos palestrantes, que vivem, constroem e pensam a América Latina.

E para pensar a América Latina e o lugar do Brasil, é fundamental não apenas contar com a visão brasileira, mas também com as perspectivas de nossos vizinhos, que podem ampliar nosso entendimento sobre a região e sobre nós mesmos, brasileiros.

O próprio conceito de América Latina, de início, nos impõe um desafio. Somente 4% dos brasileiros se identificam como latino-americanos (essa porcentagem chega a mais de 40% em outros países da região), de acordo com o projeto de pesquisa *Las Américas y el Mundo* do Centro de Investigación y Docencia Económicas (CIDE) do México. Esse distanciamento identitário contrasta-se com o entrelaçamento das realidades políticas, econômicas e sociais entre o Brasil e seu entorno. O contingente de venezuelanos que buscam asilo ou refúgio no Brasil é apenas o mais recente exemplo de como eventos políticos em nossos vizinhos têm,

muitas vezes, impactos diretos em nosso país. Daí a importância da integração latino-americana. Daí a importância deste debate.

“Eu, quando estudava em São Paulo (...), não tinha muita ideia da América Latina. A vinculação do Brasil era com os Estados Unidos, a aspiração era com a Europa e a realidade era com a América Latina, mas não o sabíamos” disse FHC, ao dar seu teste-

munho pessoal sobre seu encontro com a região. Sua experiência na Comissão Econômica para América Latina e Caribe das Nações Unidas (CEPAL), quando no exílio, foi sua “descoberta da América Latina”.

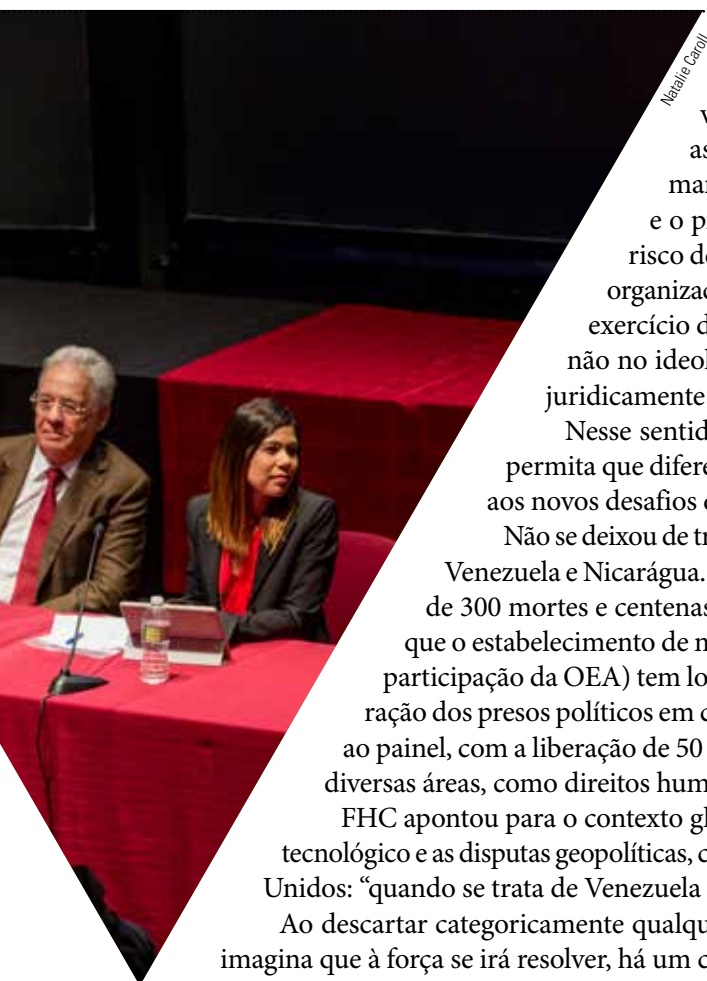
Para Mahuad, de fato, a CEPAL teve papel fundamental, particularmente evidente no livro de FHC e Enzo Faletto, *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*: “era uma visão a partir da América Latina, tratava das causas estruturais dos problemas, era muito original e era nosso. Nosso continente tinha um pensamento, tinha uma forma de ver a vida, e a expressava”, diz Mahuad.

Também se referiu à atuação central do Brasil na mediação para se alcançar o acordo de paz entre Peru e Equador em 1998. O acordo – assinado por Mahuad – eliminou a fonte de conflito internacional armado mais antiga do Hemisfério Ocidental. “Essa imagem não se apaga da minha mente: firmando, em Brasília, com aquele magnífico mural de Candido Portinari, na sede da Chancelaria [Itamaraty]”.

Quanto aos processos de integração regional, o debate tratou da diversidade de foros de cooperação política e de integração econômico-comercial na América Latina, à qual se soma o recente lançamento do Fórum para o Progresso da América do Sul (PROSUL).

Se a multiplicação de espaços de integração enriquece a cooperação latino-americana, é também

“Para pensar a América Latina e o lugar do Brasil, é fundamental não apenas contar com a visão brasileira, mas também com as perspectivas de nossos vizinhos”



Natalie Canali

verdade que “problematiza – e muito – as lealdades, as prioridades e as agendas”, nas palavras do Embaixador Koncke. Os palestrantes chamaram atenção, ademais, para as tensões entre alinhamento ideológico e o pragmatismo nesses processos. Por um lado, segundo Koncke, há “o risco de inclinações ideológicas que levaram ao virtual desaparecimento de organizações criadas, como a UNASUR e CELAC. Por outro lado, é válido todo exercício de cooperação na região que vise à integração e que esteja assentado, não no ideológico, mas nos valores de democracia e direitos humanos, que são juridicamente obrigatórios na região”.

Nesse sentido, lançou-se a reflexão sobre como promover uma integração que permita que diferentes visões de mundo e ideologias possam conviver, e que responda aos novos desafios do contexto geopolítico, tecnológico e econômico.

Não se deixou de tratar, ainda, das principais crises que assolam a região: os casos de Venezuela e Nicarágua. Sobre a Nicarágua, o representante da OEA recordou as mais de 300 mortes e centenas de presos políticos desde abril do ano passado. Ressaltou que o estabelecimento de mesa de diálogo entre o governo e a Aliança Cívica (com a participação da OEA) tem logrado importantes avanços, como o acordo para a liberação dos presos políticos em cronograma de 90 dias – que se iniciara no dia anterior ao painel, com a liberação de 50 presos. Mas há ainda muito trabalho pela frente em diversas áreas, como direitos humanos e eleitorais, liberdades civis e de imprensa.

FHC apontou para o contexto global dessas crises, em particular o atual embate tecnológico e as disputas geopolíticas, com a crescente rivalidade entre China e Estados Unidos: “quando se trata de Venezuela e Nicarágua, isto também está em jogo”.

Ao descartar categoricamente qualquer intervenção militar, FHC frisou: “se se imagina que à força se irá resolver, há um custo muito elevado e quem vai pagar é o povo da Venezuela, e nós também vamos a pagar um certo preço”.

Isso não nos desobriga de ter uma atitude firme. Reafirmando a importância do papel da OEA e a responsabilidade do Brasil, FHC reforçou que o país “tem que se dar conta que há interesses grandes, que não são os nossos necessariamente; não há por que nos juntarmos a interesses que não são os nossos, automaticamente. E, principalmente, porque a Venezuela seguirá sendo nossa vizinha, para sempre. E essas marcas são fortes”.

Se o caminho para redemocratização da Venezuela é árduo e as variáveis, complexas, Mahuad nos traz um alento: “a América Latina é o continente que mais problemas resolveu dialogando (...). Temos sido mais capazes de nos entender do que em qualquer outro continente”.

O painel +Diplomacia talvez tenha trazido mais perguntas do que respostas. Mas esperamos que estas perguntas contribuam para seguirmos neste debate e para buscarmos, juntos, nosso sonho comum. Esperamos, sobretudo, que continuemos a conhecer mais nossa América Latina, a discutir mais o papel do Brasil e a promover mais diplomacia.

* **Candice Sakamoto Vianna** foi moderadora do painel “+Diplomacia: o Brasil na América Latina” da Brazil Conference 2019. É estudante do Mestrado em Administração Pública em Harvard Kennedy School of Government e diplomata de carreira.



Natalie Canali



Painel +Crescimento

Impulsionando a infraestrutura brasileira

Nas últimas décadas, qualquer discussão a respeito do desenvolvimento econômico Brasileiro teve infraestrutura como um dos temas centrais. Geração de energia, portos, rodovias, ferrovias, saneamento básico, transporte urbano: não importa o setor, sempre há um entrave ao próximo passo no caminho do crescimento. Isso não significa que nada foi feito, pois, especialmente nos últimos anos, programas de licitações foram feitos, PPPs foram celebradas e novas alternativas, testadas – um exemplo interessante é a expansão de energia eólica e solar, principalmente no nordeste do país. Alguns sucessos, outros insucessos, que nos dão a sensação que estamos andando para frente. A velocidade, no entanto, ainda é insuficiente para alcançar o Brasil a níveis socioeconômicos mais altos.

Nesse contexto, desenvolvemos o painel “+CRESCIMENTO: Impulsionando a infraestrutura brasileira” com o intuito de discutir como criar no país um ambiente mais favorável a investimentos em infraestrutura – focando em três pilares: financiamento dos projetos, modelos de gestão e regulação e segurança jurídica – à luz dos aprendizados das experiências recentes.

Não bastando a premência do tema, tivemos a felicidade de formar um grande time de panelistas: Joaquim Levy (Presidente do BNDES), General Santos Cruz (Ministro da Secretaria de Governo), Abraham Prada (Vice-Presidente de Infraestrutura do JP Morgan) e, como moderadora, Marina Anselmo (Sócia do Mattos Filho). Não obstante a qualidade desse grupo, eles cumprem um desejo que tínhamos desde o início da concepção do painel: contemplar visões conflitantes do públicos *versus* privado e nacional *versus* estrangeiro.

Santos Cruz reforçou o desafio de fazer projetos de infraestrutura no Brasil, desde motivos intrínsecos, como o tamanho do território, até aspectos negativos, como corrupção, mas reforçou que o governo tem um excelente corpo técnico e está trabalhando para prover segurança jurídica e controlar corrupção: “O Brasil passou por um momento em que ficou com fama ruim, mas queremos ser absolutamente transparentes, limpos, sem qualquer possibilidade de irregularidade”. E continuou: “Com essa fórmula, pretendemos atrair investimentos. Os leilões que estamos fazendo mostram que estamos no caminho certo”.

Joaquim Levy adotou um tom otimista sobre o cenário em que o país se encontra: “Nós estamos em uma situação em que a perspectiva global é favorável a nós e já aprendemos a fazer o *pipeline* de projetos com o PPI. Eu fico feliz porque vejo

uma evolução grande desde a última vez que estive em Brasília [como ministro da fazenda, em 2015]”. Sobre a atuação do BNDES, Levy indica que o banco deve deixar um espaço maior para o capital privado: “Com o alinhamento da TJLP ou da TLP com os juros do mercado, passa a ser quase inevitável esse apetite maior do operador de usar mais as possibilidades do mercado”.

Trazendo a perspectiva do investidor estrangeiro, Abraham Prada destacou que risco cambial e incertezas políticas, como as referentes à

reforma da previdência, são pontos cruciais na decisão de investimento em países emergentes, como o Brasil. Caminhos existem, no entanto, para controlar esses riscos, e o Brasil é um mercado de enorme relevância para o investidor estrangeiro.

Em suma, a mensagem que fica é otimista: muito se tem feito para corrigir os erros do passado e os investidores estão de olho no nosso país. Como essa história já vimos muitas vezes, uma dose de cautela não faz mal; no entanto, duas doses de esperança não custam nada!

“Desenvolvemos o painel com o intuito de discutir como criar no país um ambiente mais favorável a investimentos em infraestrutura



Painel +Views

Logo após a abertura da Brazil Conference, o painel +Views figurou entre um dos primeiros do evento. Quatro grandes influenciadores digitais do Brasil se reuniram para conversar sobre a atual situação da qualidade do conteúdo da nossa internet, e o que deve ser feito para melhorá-la.

Felipe Castanhari é dono do Canal Nostalgia, um dos maiores do YouTube brasileiro com 12 milhões de inscritos. Seu conteúdo abrange temas como política, ciência, e história. Juntando informação e bom humor, seus vídeos são utilizados por milhares de professores no Brasil pela qualidade e alto interesse dos jovens.

Julia Tolezano se formou em jornalismo pela PUC-Rio, e decidiu criar um canal no YouTube para enfrentar seu medo de críticas e buscar um sentido na vida que andava meio mal. Continuou seguindo sua intuição, e hoje é uma das maiores Youtubers e influenciadoras digitais do Brasil,

“Durante o painel, muitos pontos sobre este ambiente foram levantados no que se transformou numa conversa muito fluida e agradável de ouvir”





Felipe Castanhari
Youtuber



Julia Tolezano
Jornalista e Youtuber



Gabi Oliveira
Youtuber



Izzy Nobre
Youtuber

sendo reconhecida por sua militância feminista, seu bom humor e por tirar tabus de temas delicados.

Gabi Oliveira é formada em Comunicação Social e possui mais de 800 mil seguidores em suas redes sociais. Seu canal é referência em discussões raciais, abordando diversos assuntos desde auto-cuidado até estética da mulher, sempre desenvoltura e um bom-humor cativante.

Izzy Nobre é um youtuber brasileiro que reside no Canadá e cria conteúdo sobre eventos da atualidade, games e tecnologia. Izzy é conhecido pelo seu esforço para que seus seguidores sejam críticos e busquem sempre entender de maneira mais profunda notícias e grandes acontecimentos.

O YouTube é uma das maiores fontes de conteúdo da atualidade, tanto para informação como para o entretenimento. Diante deste cenário, o painel buscou reunir criadores deste conteúdo que se preocupam com a qualidade do que postam para discutir como fazer da internet um ambiente ainda mais propenso ao bom conteúdo.

Diversos fatores modernos fazem da internet um ambiente muito peculiar. A interação direta com o público, a possibilidade de dar voz a qualquer um que tenha algo a dizer, e

“Muito se falou do algoritmo do YouTube, e de várias redes sociais, que indicam para os usuários conteúdo com o qual eles já concordam, e criam bolhas onde as pessoas pensam que sempre têm a opinião correta sobre tudo

os interesses da plataforma que decide quais conteúdos serão vistos por cada usuário fazem da internet um local fundamentalmente diferente dos meios de comunicação tradicional.

Durante o painel, muitos pontos sobre este ambiente foram levantados no que se transformou numa conversa muito fluida e agradável de ouvir. O moderador, Rogério Junior, estudante de Ciência da Computação e Filosofia no MIT, pouco teve que intervir para que os pontos de interesse do painel fossem alcançados.

Muito se falou do algoritmo do YouTube, e de várias redes sociais, que

indicam para os usuários conteúdo com o qual eles já concordam, e criam bolhas onde as pessoas pensam que sempre têm a opinião correta sobre tudo. “Quando o cara quer acreditar naquilo, não importa se é mentira ou não, ele vai acreditar!”, disse Felipe, mostrando também o ambiente virtual em que as pessoas não buscam muito o questionamento de suas opiniões.

Fake news também foram abordadas, e Gabi levantou a responsabilidade da imprensa, que limita o número de matérias completas que um usuário pode acessar, o que os leva a reproduzir a interpretação que têm apenas do título.

Ainda conseguimos ouvir um pouco das diferenças entre o público brasileiro e “gringo” que Izzy tem em seus canais em português e em inglês, e um apelo final da JoutJout por mais responsabilidade dos criadores em promoverem conteúdo saudável e positivo.

Afinal, quem deve ser responsabilizado pelo conteúdo de uma plataforma? Quem é o mais afetado pela qualidade dele? Que impactos o conteúdo da internet tem na vida do brasileiro? Todos esses pontos foram abordados da perspectiva das pessoas mais centrais em todo este processo: os criadores.

Painel +Sustentabilidade

Agronegócio & Explosão Populacional

A população mundial chegará a 9.8 bilhões de pessoas em uma geração. Estima-se que esse crescimento populacional potencializado com crescimento econômico, exigirá que o mundo produza o dobro de alimentos que produz hoje. Como o Brasil pode alimentar o mundo de forma sustentável? Esse será o principal tema discutido no painel +Sustentabilidade: Agronegócio & Explosão Populacional.

PRINCIPAIS PONTOS

- **Sustentabilidade:** Qual o conceito que gostaríamos de usar. Precisamos de uma melhor definição sobre o que é sustentabilidade, que seja concreta, e comum a todos que estão trabalhando acerca do tema.
- **Tecnologia:** investimento em pesquisa e tecnologia deve aumentar, além disso, temos um déficit grande no acesso as melhores práticas já existentes, estima-se que apenas 20% das propriedades tenham acesso total ao que já existe. O setor público, e cada vez mais o setor privado, podem e devem contribuir.
- **Governança:** problemas de governança tanto pública quanto privada atrapalham o desenvolvimento. É necessário aproveitar essa oportunidade para rever processos e responsabilidades, ocorreram mudanças recentes tanto na administração pública quanto privada, o Brasil precisa aproveitar essa oportunidade para fazer as escolhas certas. Desde da responsabilidade social das empresas, até política de comércio exterior do Brasil.

CONCLUSÃO

Constantemente o debate sobre sustentabilidade e desenvolvimento é colocado como uma escolha contraditória. Estamos diante de uma oportunidade única, o Brasil tem sim a capacidade para conciliar esses objetivos, assumir um papel solidário, e protagonista, no desafio de alimentar 2.0 bilhões a mais de pessoas em 30 anos e ao mesmo tempo respeitar o meio ambiente.

As escolhas que fizermos hoje, agora, vão ter o impacto sentido por muitos anos. Escolhas que passam por política de comércio exterior, desenvolvimento e disseminação de pesquisa e tecnologia, e mudanças na governança pública e privada devem ser aproveitada

PALESTRANTES:



Denise Amador

Bióloga, Msc. Ciências Florestais, membro da ONG Mutirão Agroflorestal, coordena o Projeto Arte na Terra de Educação Ambiental, docente do curso de Agronomia da FAFRAM e fellow do Programa LEAD.



Kátia Abreu

Senadora em segundo mandato pelo Tocantins, ex-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil e ex-ministra da Agricultura.

Paul J. Fribourg é o Chairman e CEO da Continental Grain Company, uma empresa internacional de agronegócios e investimentos.



Mariana Vasconcelos

CEO da Agrosmart, uma empresa pioneira em tecnologia, reconhecida pela WEF (The World Economic Forum). Ela é

reconhecida como Forbes under 30 e MIT TR Innovator under 35 Latam.



Painel +Tolerância

Relações entre Estado e Religião no Brasil

A Religião é um elemento central na formação histórica e cultural do Brasil, que é também marcado pela diversidade de crenças e sincretismo.

A influência da Religião no Estado se manifesta em diversos aspectos, desde detalhes da vida cotidiana, como os crucifixos em repartições públicas e menções a Deus nas cédulas monetárias, como até mesmo no preâmbulo da nossa Constituição. As religiões têm também papel central ao formar e agregar comunidades, criando identidades de grupos e interferindo diretamente em questões da vida pública, como saúde, educação, moradia e segurança, muitas vezes suprimindo a ausência do Estado nesses âmbitos, ou ainda, pressionando-o para o desenvolvimento, mudança ou fim de políticas públicas.

A atuação de grupos religiosos ou a influência de seus valores em temas que dizem respeito a todos os brasileiros (e não apenas àqueles que integram determinado grupo de fé), de um lado, ajuda a promover e canalizar os interesses políticos de cidadãos que compartilham valores comuns e, de outros, gera tensões com aqueles se sentem sua liberdade de crer e não quer invadida por valores de uma crença que não são a sua.

A Constituição de 1988 resguarda o caráter laico do Estado e a liberdade religiosa como um direito fundamental, de modo que o país não tem uma religião oficial e que todas as práticas religiosas são livres e garantidas pelo Estado, inclusive a liberdade de não crer.

O objetivo do painel + Tolerância: relações entre Estado e Religião no Brasil foi debater a influência das religiões no estado democrático brasileiro, como elas se comunicam com a esfera pública e suas influências nas políticas públicas e nas tomadas de decisões dos governantes. Debater a relação entre política e religiões no momento atual, assim como analisar as fronteiras constitucionais e as garantias fundamentais da igualdade e não discriminação no estado democrático brasileiro.

A sessão foi moderada pela jornalista Flávia Oliveira. Flávia é jornalista, comentarista de economia e indicadores sociais no canal “GloboNews” e na rádio “CBN” e também colunista no jornal “O Globo”.

Além disso, é conselheira do movimento Anistia Internacional Brasil, Observatório de Favelas, Ceert, Uma Gota no Oceano e Instituto Coca-Cola Brasil.

O painel contou com a presença da Procuradora Geral da República Dra. Raquel Dodge, a Deputada Federal Geovânia de Sá, o Arcebispo de São Paulo Dom Odilo Pedro Scherer e o Ministro Luís Roberto Barroso.

Raquel Dodge, é membra do Ministério Público Federal desde 1987. Formou-se em Direito pela Universidade de Brasília, onde concluiu mestrado. É mestre em Direito pela Harvard Law School, onde foi Global Advocacy Fellow da Clínica Internacional de Direitos Humanos. Atua na defesa de direitos humanos, patrimônio público, minorias e na matéria criminal.

Geovânia de Sá (PSDB) exerce o segundo mandato como Deputada Federal por Santa Catarina. Foi reeleita com 101.937 votos. Antes de ser deputada, formou-se em Administração de Empresas. Atuou 20 anos na iniciativa privada até ser Secretária da Assistência Social, Secretaria da Saúde e a Vereadora mais votada da história da sua cidade, Criciúma.

Cardeal Odilo Pedro Scherer, 7º Arcebispo Metropolitano de São Paulo, terceira maior arquidiocese católica romana do mundo, exerce também a função de Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Luís Roberto Barroso é professor, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) e vice-presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). É também Senior Fellow na Harvard Kennedy School. Como advogado, defendeu no STF as pesquisas com células-tronco embrionárias, as uniões homoafetivas e o direito à interrupção da gestação de fetos anencefálicos. Como Ministro, votou pela descriminalização do aborto e contra o ensino religioso confessional em escolas públicas.

A jornalista abriu as considerações iniciais ressaltando a importância do presente debate devido a crescente intolerância religiosa não somente no Brasil, mas no mundo inteiro.

A moderadora fez a provocação inicial aos palestrantes no sentido de que eles pronunciassem a religião que seguiam e ou professam. Flavia se declarou candomblecista, a deputada Geovânia se declarou evangélica da igreja Assembleia de Deus, Barroso declarou ter sua religião própria afirmando ter essa Torá, evangelhos, Buda, Tomas de Aquino e Kant, e que sobretudo crê no bem e na justiça. Dom Odilo se declarou como

Arcebispo Católico Apostólico Romano. E a procuradora geral da república Raquel Dodge, se declarou Católica Apostólica Romana de fé e praticante, mas afirmou que a condição de ter essa fé não significa que não este aberta a considerar todas as religiões e a considerá-las no plano da liberdade religiosa que existe no Brasil.

A moderadora guiou o debate com as perguntas do público enviadas pelo aplicativo oficial da Conferência. Dom Odilo Scherer, trouxe a perspectiva de como ele vê o papel histórico da Igreja Católica na sociedade brasileira, os recentes





posicionamentos da Igreja Católica no atual cenário político e a importância da religião na formação e capacitação moral da sociedade. Dom Odilo ressaltou que não cabe à Igreja substituir o Estado, mas que, como uma das organizações da sociedade, a Igreja oferece a sua contribuição por meio da formação ética e da oferta de critérios de discernimento coerentes, que tornem as exigências da justiça compreensíveis e politicamente realizáveis nas diversas circunstâncias históricas e sociais. Apontou, também, que cabe aos leigos e não à instituição eclesial participar da militância política e ressaltou que, por essa razão, o templo católico não pode ser o local adequado para manifestações meramente cívicas ou políticas, sejam elas de quaisquer coloridos políticos ou ideológicos. Ressaltou ainda que em tempos de plena liberdade democrática, como vivemos no Brasil, o lugar para essas manifestações é a praça pública e os espaços representativos da sociedade.

A Procuradora Geral da República Dra. Raquel Dodge comentou sobre a atuação do Ministério Público na defesa da laicidade do Estado Brasileiro e da preservação da liberdade de consciência, de crença e de não crença e ressaltou ainda que os debates a respeito destes devem ressoar no Parlamento brasileiro para que os frutos das reflexões sejam sistematizados em leis. Declarou que a liberdade da religião toca no âmbito da individualidade e que o Brasil é uma nação de imigrantes de diferentes etnias, origens e religiões que se encontraram com povos nativos. Ela ressaltou que hoje o Brasil tem elevado grau de liberdade religiosa e o estado tem de assegurar que todos os pensamentos possam ser expressos em praça pública, o que já ocorre por meio dos



“ O painel reafirmou a importância do debate, do respeito, da tolerância da pluralidade de ideias na compreensão da diversidade da sociedade brasileira.

códigos Civil e Penal. Para Dodge, o ambiente atual é “muito mais claro de repudiar discriminações

A Deputada Geovânia trouxe a perspectiva do papel das igrejas evangélicas na base da organização social brasileira, destacou que muitas vezes as Igrejas chegam aonde o Estado e as devidas políticas públicas não conseguem. Comentou que os valores de amor e respeito, cultivados na família, na escola e na Igreja, são fundamentais para a manutenção da democracia. E destacou que, no Estado laico, a

pluralidade de ideias e opiniões deve ser respeitada

O Ministro Barroso expos como ele vê a crescente demanda de casos que recorrem à Constituição, através do Supremo Tribunal Federal, para questionar ações estatais que, em seu entender, violam a laicidade do Estado, afetando toda a sociedade. Defendeu o direito de as Igrejas não realizarem celebrações de casamentos homoafetivos. Elogiou o fato de o STF ter equiparado tais uniões civis a uniões estáveis convencionais. Barroso também considerou o aborto como uma prática ruim, que o Estado deve evitar que ocorra, mas sem, no entanto, criminalizar a mulher que o pratica e afirmou ainda que o debate em torno da legalização do aborto já estaria resolvido “há muito tempo” se os homens engravidassem.

Como exposto pela moderadora, o painel + Tolerância: relações entre Estado e Religião no Brasil possibilitou o debate de uma agenda extremamente relevante na atualidade brasileira, inaugurando assim, essa frente de reflexão sobre a intersecção entre o Estado e a Religião no Brasil na *Brazil Conference*.

Painel +Economia

O painel promoveu uma discussão entre renomados economistas e o Secretario do Tesouro sobre as perspectivas da economia brasileira

As perspectivas da economia brasileira, os desafios para a retomada do crescimento e da geração de empregos, bem como a necessidade de reformas como a da previdência foram os assuntos debatidos pelo ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, pelo professor da PUC-Rio e economista da Genial Investimentos, José Márcio Camargo, pela economista-chefe da XP Investimentos Zeina Latif e pelo Secretário do Tesouro, Mansueto Almeida em um painel moderado pelo estudante do MIT Luiz Gosling.

Gustavo Franco fez traçar um paralelo entre a resistência enfrentada agora pelas reformas econômicas propostas pela atual equipe econômica com a resistência que as iniciativas de combate a hiperinflação e o Plano Real sofreram na década de 90. O ex-presidente do Banco Central lembrou ainda que para o Brasil passar a ser competitivo e necessária a aprovação de outras reformas econômicas e a introdução de ideias de economia de mercado e reformas para proporcionar crescimento.

Para Zeina Latif, o debate econômico está mais maduro e o fato de a classe política estar discutindo um assunto tão espinhoso como a reforma da previdência é positivo, entretanto ela demonstrou preocupação a falta de uma agenda para a retomada do crescimento.

O Secretario do Tesouro, Mansueto Almeida criticou a elevada carga tributária do PIB brasileiro, maior do que a média da América Latina, os elevados déficit fiscal e dívida pública. Mansueto lembrou que é necessário não só o apoio da sociedade, mas também um melhor e mais transparente debate político para que o país consiga aprovar reformas estruturantes como a reforma da previdência, extremamente importante do ponto de vista fiscal para evitar o aumento da carga tributária.

José Márcio Camargo mostrou otimismo, principalmente em função de algumas importantes mudanças que aconteceram nos últimos três anos, como por exemplo a PEC do teto dos gastos públicos aprovada em 2016 para ajudar a recuperar o equilíbrio fiscal, a mudança na taxa de juros do BNDES para patamares de mercado, eliminando a necessidade do Tesouro Nacional de arcar com subsídios, a reforma trabalhista, a liberalização da terceirização, entre outros.





Painel +Inovação

O Brasil é cheio de carências sociais e crises políticas seguidas e agenda de empreendedorismo e inovação às vezes fica em segundo plano. Mas nenhuma nação se desenvolve sem esses dois pilares. O painel de inovação discutiu como avançar nesses dois temas com uma nova geração de empreendedores brasileiros.

O time de palestrantes foi de peso! Mike Krieger (Instagram), Julio Vasconcellos (Peixe Urbano) e Renata Zanuto (Cubo). Mike co-fundou o Instagram em 2010 e atuou como CTO até 2018. Nesta posição, escalou a equipe de engenharia de 2 a 500 pessoas, apoiando uma comunidade de mais de 1 bilhão de usuários. Antes do Instagram, estudou Symbolic Systems em Stanford e trabalhou na Meebo como UX Designer.

Julio é co-fundador do Peixe Urbano, CEO da Prefer, co-fundador da Canary VC e da Graph Venture. Ele tem MBA em Stanford, graduação pela Wharton School e foi responsável pela estratégia de crescimento do Facebook no Brasil. Renata tem mais de 10 anos de mercado e atuação na IBM, onde liderou a área de Developer Ecosystem & Startups. Desde 2017, Renata faz parte do time do Cubo Itaú, à frente das conexões com as startups. Hoje, é co-gestora do hub e atua como Head de Ecossistema e Startups, responsável pelo relacionamento com startups residentes e do ecossistema para gerar valor e negócios ao mercado.

Renata começou descrevendo o crescimento vertiginoso do ecossistema de inovação e empreendedorismo no Brasil entre 2000 e atualmente. Com apenas 30% da população da América Latina, o Brasil recebe 80% de todos os investimentos de Venture Capital na região e já tem mais de cinco unicórnio, um clube que deve contar com mais 5 empresas no ano de 2019.

Mike e Julio fizeram um 'fireside chat' logo em seguida. Eles falaram de suas trajetórias pessoais e os principais desafios que enfrentaram. O Mike, por exemplo, contou como o Instagram se virava com uma equipe de apenas 13 pessoas até ter sido adquirido pelo Facebook por US\$ 1 bilhão em 2012.

No final, cada um deles deixou um recado para quem quer empreender no Brasil: para o Mike, você o principal é não se apegar à primeira ideia, ao primeiro projeto, mas sim ao processo. Querer empreender é mais um estilo de vida cheio de tentativas e erros. Para o Julio, o mais importante é dar o primeiro passo e entrar de cabeça em um projeto, apesar das incertezas e riscos. Renata deu sugestão parecida: deixa para trás o que está fazendo e foque na sua startup.



Painel +Jornalismo

Painel traz o olhar de profissionais da imprensa e uma pesquisadora de Harvard sobre os desafios para a qualidade da informação no Brasil.

● Victor Cezar

O Jornalismo tradicional enfrenta desafios em todo o mundo. No Brasil não é diferente. A atenção do público, antes voltada apenas a jornais, revistas, rádio e televisão, hoje se dispersou pela Internet, numa variedade incontável de plataformas. A mudança foi tão disruptiva que é preciso um esforço grande para nos lembrarmos que há uma década, muitos veículos tradicionais no Brasil sequer tinham perfis em redes sociais. Junto a esta mudança, novos desafios surgiram para o exercício da profissão e para a qualidade da informação que o público tem acesso.

Desinformação, violência contra a imprensa e as perspectivas para o modelo de negócios do jornalismo formaram o centro do debate entre as jornalistas Vera Magalhaes (Jovem Pan e O Estado de S. Paulo), Patrícia Campos Mello (Folha de S Paulo) e a research fellow do Belfer Center da Harvard Kennedy School, Yasodara Cordova. O encontro foi mediado pelo jornalista Fabio Pannunzio, apresentador da TV Bandeirantes.

Patricia e Vera compartilharam suas experiências com as plataformas digitais que deram mais acesso ao contato com o público, mas abriram uma porta para ataques virtuais. Para Vera, estes ataques não devem interferir na rotina do jornalista, “se eu perdesse meu tempo respondendo

“A sociedade tem que entender que há um valor intrínseco na informação e que vale a pena pagar por ela”

ao que robôs e haters falam nas redes sociais, eu não estaria falando com as fontes e apurando o que tem que ser apurado”. Patrícia defendeu que o jornalista não deve se transformar em algo mais importante do que a própria notícia. Para a pesquisadora de Harvard, Yasodara Cordova, “o ataque a qualquer pessoa na Internet é crime. E este tipo de ataque é rastreável. Mas é preciso que as pessoas reconheçam a relevância das redes sociais dentro do discurso democrático”.

Fabio Pannunzio trouxe ao debate a questão das fake News. Ele questionou se a imprensa sofre desgaste ou se poderá sair fortalecida como instrumento de combate à desinformação. Vera lembrou que alguns representantes do governo contribuem para o desafio, fazendo uso de canais institucionais para atacar a imprensa como fonte de fake news. Para Patricia, esta nova realidade trouxe aos jornalistas a necessidade de se esforçar para não errar na apuração. Yasodara concordou com o potencial que este desafio tem para promover ajustes

saudáveis nas políticas públicas. Ela fez parte do projeto Comprova, que reuniu veículos de imprensa do Brasil e o centro Shorenstein da Harvard Kennedy School para checagem de fatos durante as eleições de 2018. “Estas campanhas de informação estão sendo amplificadas”, disse.

O apresentador da TV Bandeirantes ainda lembrou que o surgimento de novas plataformas não é novidade na história do jornalismo: “essencialmente o jornalismo não mudou e foi sobrevivendo a essas transições”. Yasodara explicou que do momento são criados pelos algoritmos que mantêm incentivos para o usuário permanecer consumindo desinformação na Internet. A repórter da Folha de S Paulo destacou que, neste contexto, poucos veículos tradicionais já conseguem se sustentar com recursos de assinantes na Internet. A apresentadora da Rádio Jovem Pan vê também o público como responsável pela sobrevivência da qualidade da informação que consome: “as pessoas dizem ‘Por que eu vou pagar imprensa, se eu consigo informação de graça?’. A sociedade tem que entender que há um valor intrínseco na informação e que vale a pena pagar por ela.”



Painel +Filantropia

Oportunidades para o Brasil

O painel +Filantropia discutiu as oportunidades para o campo no Brasil sob diferentes perspectivas. Elie Horn, fundador da Construtora Cyrela, falou como o único brasileiro participante da *Giving Pledge*, por meio do qual se comprometeu a doar 60% da sua fortuna em vida. Celia Cruz, diretora executiva do Instituto de Cidadania Empresarial, trouxe visões sobre filantropia por meio de negócios de impacto. Marina Feffer, fundadora da *Zest Impact* e da *Generational Pledge*, contou sobre a responsabilidade dos herdeiros na filantropia e como buscar impacto nas doações. A conversa foi moderada pelo Claudio Haddad, fundador do Insper e membro ativo do conselho de diversas organizações da sociedade civil.

Os palestrantes começaram a conversa trazendo as suas visões sobre a filantropia no Brasil. Para Celia, o volume de recursos mobilizado pela filantropia é muito menor do que o necessário para gerar as mudanças sociais significativas no Brasil. Por isso, ela tem se dedicado ao tema de investimento de impacto, buscando trazer novos recursos complementares à filantropia tradicional.

Elie Horn trouxe o dado de doações sobre o PIB no Brasil, que hoje é aproximadamente 0.2%. Ele também contou sobre a sua ONG, Bem Maior, que almeja dobrar este número nos próximos 10 anos. Para Marina, a natureza da filantropia é ser um recurso livre, que permite que doadores ousem em suas áreas de atuação. No entanto, a filantropia exige técnica, rigor e metodologia. Os valores que guiam a filantropia para ela são maximização de resultados e uma abordagem baseada em evidência.

Como moderador, Claudio perguntou aos painelistas a diferença entre caridade e filantropia e qual é a motivação por trás da atuação de cada um. Para o Elie, filantropia significa transformar o mundo um lugar melhor.

Ele tem atuado no campo de combate à prostituição infantil e incentivando mais brasileiros a doarem. Celia falou sobre a agenda de investimento de

impacto, que busca mobilizar recursos para organizações que geram tanto impacto quanto performance financeira. Ela explicou que não existe um compromisso com o formato legal dessas organizações, que podem ser desde ONGs até empresas que distribuam dividendos, desde que exista um compromisso com o impacto social. A Marina contou sobre o potencial de impacto dos herdeiros no mundo. Segundo ela, \$31 trilhões serão transferidos entre gerações nos próximos anos. Entender essa transferência como um fenômeno, de forma que os herdeiros possam atuar juntos e de forma estratégica, é essencial para gerar impacto.

O público perguntou sobre formas de se envolver com a agenda de impacto e a Celia respondeu que tanto trabalho voluntários quanto cursos profissionalizantes são muito importantes para se familiarizar com o que já existe. Também, questionaram se o Brasil não tem uma cultura de doação pela falta de incentivos fiscais. O Claudio respondeu que apesar da questão fiscal ser importante, as pessoas já doavam nos Estados Unidos muito antes dos incentivos existirem. A Celia questionou a taxação sobre doações no Brasil, que cria um desincentivo para filantropia.

Esse foi o primeiro painel sobre filantropia na Brazil Conference e trouxe perspectivas importantes para agenda no Brasil. Há um consenso entre os painelistas que existe espaço para os brasileiros buscarem mais impacto em suas ações. Seja doando e fazendo o bem, como colocado pelo Elie; seja investindo e buscando retornos financeiros, como a Celia tem trabalhado; ou buscando técnicas e metodologias para maximizar o impacto, como a Marina tem atuado.

PALESTRANTES



Célia Cruz

Está no ICE Instituto de Cidadania Empresarial desde 2012, trabalhando com investimento e negócios de impacto. Ela foi Diretora da Ashoka Brasil, Global Fellowship e Canada e do IDIS, que atua com desenvolvimento comunitário. Trabalhou também como professora e consultora em captação de recursos. Formada em economia pela FEA/USP, mestrado pela EAESP/FGV, intercâmbios na França e Canadá.



Elie Horn

Filantropo e fundador da Cyrela Brazil Realty, uma potência do setor imobiliário no Brasil. Em 2015, foi o primeiro brasileiro a ingressar no Giving Pledge, e anunciou que doaria, até o fim da vida, 60% de tudo o que tem para causas sociais.



Marina Feffer

Co-fundadora da Zest Impact, uma organização que ajuda famílias de alta renda a refletir sobre o propósito de sua riqueza, e da Generation Pledge, um movimento que visa melhorar a quantidade e a qualidade da filantropia em riqueza multigeracional. Marina é da 4ª geração da família Feffer e participa formalmente em sua governança.



Claudio Haddad

Fundador e chairman do conselho do Insper. Claudio é membro do conselho de administração da Ideal Invest, do Instituto Unibanco e da Ensinar Brasil. Ele também é presidente do conselho consultivo do escritório brasileiro do Centro David Rockefeller para Estudos Latino-Americanos da Universidade de Harvard. De 1993 a 1998, Claudio foi presidente executivo do Banco de Investimentos Garantia SA, e, de 1980 a 1982, atuou como diretor responsável pela dívida pública e operações de mercado aberto do Banco Central do Brasil.



Painel +Memória

O papel do passado na
construção do futuro

● Louise Cardoso de Mello *

Um tema inédito na Brazil Conference, o papel da Memória foi trazido ao debate nesta última edição como uma questão mais pertinente do que nunca, diante das últimas tragédias e dos acontecimentos recentes vividos no país. O painel *+Memória: o papel do passado na construção do futuro* teve o formato de uma entrevista coletiva moderada pela jornalista Cristina Serra, autora do livro *Tragédia em Mariana*, em conversa com o curador do Museu Nacional, João Pacheco de Oliveira, a liderança indígena, Sônia Guajajara, e o porta-voz do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais em Brumadinho, Pedro Aihara.

O painel pôs em questão as práticas governamentais de preservação do patrimônio histórico, sociocultural e natural do Brasil, partindo da avaliação dos impactos causados pelo devastador incêndio do Museu Nacional, ocorrido em setembro de 2018, bem como pelos trágicos rompimentos da barragem em Mariana em novembro de 2015, e em Brumadinho em janeiro deste ano. Essa reflexão incidiu no debate mais amplo sobre as repercussões da falta de memória histórica ou coletiva e da prevalência de uma política de esquecimento.

Dentre as principais questões levantadas, foram discutidos alguns dos fatores compartilhados por essas tragédias, como a negligência, a impunidade, as responsabilidades e as políticas de prioridades do Governo, assim como o impacto direto para a sociedade e as comunidades atingidas, com especial destaque para as populações indígenas, que foram afetadas não só pelos desastres ambientais, mas também pela catástrofe cultural da perda de importante parte de seu patrimônio material e sua memória. O painel também

tratou sobre as perspectivas de revitalização, as reivindicações sociais e os principais desafios atuais num contexto político marcado pela crise econômica, recortes de verba, revisão de leis de fiscalização ambiental e revogação de veículos institucionais de participação e representação social.

Nesse sentido, em relação aos crimes de rompimento das barragens de Mariana e agora Brumadinho, o licenciamento irresponsável e a autofiscalização foram apontados como principais problemas para a prevenção de novos desastres. Ao mesmo tempo, fez-se um apelo à celeridade dos processos judiciais para a indenização das vítimas e identificação de responsabilidades, divididas entre o poder público e as empresas privadas. No que diz respeito ao incêndio do Museu Nacional, por um lado, denunciou-se a intenção de criminalizar a administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro por uma negligência causada pelo seu estrangulamento orçamentário por parte do Governo Federal e pela precariedade de infraestrutura da Prefeitura do Rio de Janeiro, que nem sequer dispunha de água para apagar o fogo. Por outro lado, esse mesmo fogo simboliza um momento para renascer e recontar a História do Brasil a partir da memória e resistência dos povos indígenas, que deixam de figurar em vitrines de museus para atuar como protagonistas do nosso passado e do seu próprio futuro.

Louise Cardoso de Mello é historiadora e antropóloga, e atualmente, é pesquisadora visitante no Departamento de História da Universidade de Harvard. Possui mestrado em História Indígena da América Latina (Universidad Pablo de Olavide, Espanha) e é candidata a doutora em História pela Universidade Federal Fluminense. Foi coordenadora do painel +Memória: o papel do passado na construção do futuro, na Brazil Conference 2019.

PALESTRANTES



Cristina Serra

Jornalista, com ampla experiência nas principais emissoras e jornais do país, como a Rede Globo, o Jornal do Brasil e a Revista Veja. Ela é autora do livro *Tragédia em Mariana: a história do maior desastre ambiental do Brasil*, publicado em 2018 no aniversário de três anos do rompimento da barragem em Mariana.



João Pacheco de Oliveira

Antropólogo e indigenista, curador das coleções de etnologia do Museu Nacional e professor titular da UFRJ. Já foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia e Coordenador da Comissão de Assuntos Indígenas, tendo contribuído para a demarcação de terras indígenas no Brasil.



Sônia Guajajara

Coordenadora executiva da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil). Foi candidata à vice-presidência pelo PSOL, na chapa encabeçada por Guilherme Boulos nas eleições de 2018, sendo, portanto, a 1ª candidata indígena à vice-presidência do Brasil. Ela tem voz no Conselho de Direitos Humanos da ONU e, em 2015, recebeu a Ordem do Mérito Cultural.



Pedro Aihara

Porta-voz do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais em Brumadinho e foi atuante nos resgates de Mariana. É especialista em Gestão de Desastres pela Universidade de Yamaguchi, no Japão, e em Gestão de Projetos pela USP. Atualmente, ele é mestrando em Direitos Humanos na UFMG.



Painel +Justiça

O Papel do Supremo Tribunal Federal.

O painel +Justiça: O Papel do Supremo Tribunal Federal, foi desenvolvido para possibilitar o debate referente ao crescente protagonismo do Judiciário na vida pública brasileira e, especialmente a interação entre o Supremo Tribunal Federal e o Poder Legislativo, na defesa da democracia e dos direitos humanos. O tema é importante pois, no momento atual, os poderes parecem pouco delimitados, levando à uma superposição de competências, que desobedecem às regras do jogo democrático, em especial no que tange à relação entre os poderes Legislativo e Judiciário.

O painel teve início com a fala do Moderador, afirmando que a pergunta sobre o papel do Supremo Tribunal Federal não é simples. Segundo Oscar Vilhena a nossa Constituição Federal é altamente ambiciosa, ampla e regulamenta diversos aspectos da vida do cidadão. Como consequência da amplitude da Carta Magna: O Supremo sempre estará na capa de todos os jornais, todos os dias, a qualquer tema relevante, porque esse tema relevante necessariamente é constitucional.

Em seguida, o Ministro Dias Toffoli inaugurou sua fala afirmando que a Constituição Federal de 1988 trouxe para o palco da democracia, classes sociais protagonistas, que jamais foram ouvidas. Disse ainda que a Constituição criou um Ministério Público, que não trata apenas de ação penal, mas de cultura, patrimônio histórico, meio ambiente, minoria e discriminações. Dessa forma, o Judiciário passa a ser alvo de uma série de pedidos e iniciativas que envolvem toda a sociedade, para garantir direitos de uma massa de pessoas que era excluída. Afirmou também que nos últimos anos o Supremo Tribunal Federal exerceu um papel de estabilidade democrática, no momento em que o legislativo e o executivo estavam sob cheque. Isso porque um terço da Câmara dos Deputados e do Senado estavam sob investigação, a Presidente da República sofrera um processo de impeachment, o Presidente da Câmara dos Deputados fora afastado, cassado e preso, além de denúncias serem apresentadas em desfavor do novo Presidente da República. Todos esses casos foram levados ao Supremo Tribunal Federal, o que deixa claro que a Corte Constitucional está apta para enfrentar também os desafios futuros.

A Senadora Kátia Abreu abriu sua fala afirmando que a atual Constituição é um convite para que o Supremo entre em todo tipo de assunto, em toda confusão, em toda polêmica. O excesso de disposições é o que gera a judicialização do país. De forma crítica, a Senadora disse que como a Constituição autoriza que os Ministros do Supremo Tribunal Federal, entrem no micro e no macro, eles acabam por se tornar, na cabeça dos cidadãos, políticos e são tratados como tais. Na opinião da Senadora, porém, isso não deveria se dar, uma vez que eles não são eleitos e, portanto, não representam o povo. No entendimento de Kátia Abreu, o Supremo Tribunal Federal tem avançado na discussão de assuntos reservados ao legislativo, como a questão envolvendo a prisão após julgamento em segunda instância. Sobre o tema, a Senadora afirmou gostar da ideia, mas preferir obedecer ao texto constitucional, que é expresso ao mencionar que a prisão deverá ocorrer somente após o trânsito em julgado. Na opinião da Senadora, o que deveria ocorrer é uma reforma da Constituição, pelo Congresso Nacional, e não uma releitura do artigo pelo Supremo Tribunal Federal.

De forma unânime, os painelistas concordaram que há necessidade de reforma da Carta Constitucional, para que o Supremo Tribunal Federal possa decidir tão somente sobre fatos relevantes para a sociedade. Dias Toffoli frisou que, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, no Brasil os Ministros da Corte não podem escolher quais casos julgar e que os pedidos de vista são o único mecanismo disponível para o Supremo dizer que aquele assunto não está maduro para ser julgado. Para Toffoli, os Ministros precisam ter tempo de dedicarem-se aos

“ De forma unânime, os painelistas concordaram que há necessidade de reforma da Carta Constitucional”

grandes temas: o ideal fosse que nós não precisássemos decidir tudo, sobre tudo que nos chega, que nós tivéssemos a possibilidade de vir a dizer: esse tema não vou julgar, essa repercussão

geral nós vamos retirar. Com relação à crítica feita pela Senadora, referente às decisões de alçada do Congresso Nacional, Toffoli concordou e disse: Muitas vezes é melhor o Supremo ter paciência histórica e aguardar que o Congresso decida. Kátia Abreu finalizou destacando a importância das instituições respeitarem o tempo uma das outras, para se garantir o regime democrático: O tempo de cada um, precisa ser respeitado, para que as instituições possam valer nesse país. O Supremo não pode atuar por conta da demora no Congresso, todos os poderes precisam respeitar o tempo do outro.

PALESTRANTES:



José Antonio Dias Toffoli

Jurista e magistrado brasileiro, atual presidente e ministro do Supremo Tribunal Federal desde 2009. Foi advogado-geral da união durante o Governo Lula, além de ministro e presidente do Tribunal Superior Eleitoral.



Kátia Abreu

Senadora em segundo mandato pelo Tocantins, ex-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil e ex-ministra da Agricultura. Atua nas áreas de agropecuária e infraestrutura, com foco na defesa da competitividade, pela saúde e pela geração de emprego e renda.

MODERADOR:



Oscar Vilhena

Diretor da FGV Direito SP, onde leciona nas áreas de Direito Constitucional, Direitos Humanos e Direito e Desenvolvimento. Foi Procurador do Estado em SP. É também colunista do jornal Folha de São Paulo e membro do Instituto Pro Bono e Open Society Foundations.



Painel +Aprendizagem

Caminhos para uma Educação Pública de Qualidade

● **Julia Callegari ***

O painel teve como objetivo central discutir os principais desafios da educação básica brasileira. A Governadora Fátima Bezerra tratou do tema dos limites e possibilidades nas relações dos estados e municípios com o governo federal na atual conjuntura política brasileira. O ex-Secretário-Executivo do MEC, Luiz Tozi, foi perguntado sobre como o Ministério pode superar o quadro de crise interna e apresentar um plano estratégico para a educação brasileira. A professora Débora Garofalo compartilhou sua visão sobre como os professores podem enfrentar os desafios cotidianos da sala de aula. A professora Paula Louzано falou sobre o que o Brasil pode aprender com as evidências internacionais em políticas educacionais. Entre temas específicos que foram abordados estão: formação de professores, ideologização das políticas educacionais, educação domiciliar e a proposta de desvinculação geral das receitas orçamentárias para educação.

O DEBATE EDUCACIONAL NA BRAZIL CONFERENCE

Na última década, o Brasil teve avanços educacionais muito importantes, como a expansão da matrícula, aumento do investimento na educação básica, desenvolvimento de novos instrumentos de acompanhamento da aprendizagem e recentemente a aprovação da Base Nacional Comum Curricular. No entanto, os resultados de desempenho na aprendizagem são fracos e a desigualdade

“O painel iniciou com uma reflexão sobre o cenário atual de crise interna no MEC que levou a uma paralização da pasta”

educacional é gritante, de modo que reverter esse cenário com estratégias que foquem nas prioridades é urgente. A Brazil Conference tem justamente o papel de estimular o debate para apoiar a definição dessas estratégias fundamentais para que o país avance em direção ao desenvolvimento e à igualdade de oportunidades.

DISCUSSÃO

O painel iniciou com uma reflexão sobre o cenário atual de crise interna no MEC que levou a uma paralização da pasta. De acordo com o ex-Secretário Executivo, Luiz Tozi, discordâncias internas e a falta de diálogo com a sociedade civil têm impossibilitado a formulação de uma agenda que foque nas prioridades.

Para a Governadora Fátima Bezerra, uma dessas prioridades é ampliar o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) e torná-lo permanente. O FUNDEB é uma das políticas de financiamento mais estratégicas para a melhora da qualidade da educação brasileira, é indispensável para a implementação dos planos estaduais e municipais de educação e foi o principal fator responsável pelo aumento das matrículas nas últimas décadas. No entanto, segundo Fátima, a proposta atual do Ministro da Economia de desvinculação das receitas orçamentárias para a educação ameaça o FUNDEB, uma vez que para o seu funcionamento,

estados e municípios têm que obrigatoriamente transferir 20% de suas receitas para os fundos estaduais.

Na visão da pesquisadora Paula Louzano, a agenda da profissionalização da docência também é uma das grandes urgências do país: “a evidência internacional mostrar que a qualidade do professor é o principal elemento de impacto na aprendizagem dos alunos”. Para Paula, as políticas relacionadas à formação docente devem ter como base os seguintes princípios: (I) continuidade e visão de longo prazo; (II) formulação consensuada entre os diversos atores educacionais, como política de Estado e não de Governo; (III) coerência e articulação com os demais elementos do sistema educacional; (IV) valorização da carreira do professor com base em cursos de formação inicial e continuada mais rigorosos e centrados na prática, e melhoria na remuneração.

Sobre os desafios de ser professor no Brasil, Débora Garofalo enfatizou que “quem faz educação no chão de escolas públicas é o professor, mas ele não é envolvido na formulação de políticas públicas. Nós precisamos mudar essa realidade.” Também ressaltou que os cursos de formação hoje não preparam o professor para lidar nem com a realidade da sala de aula nem com as mudanças sociais. Temas ligados à tecnologia na aprendizagem, segundo Débora, precisam estar presentes nas formações iniciais e continuadas.

Finalmente, em relação ao tema de educação domiciliar, Débora afirmou que a escola é um ambiente de construção de relações sociais fundamentais para o desenvolvimento do aluno e que isso precisa ser ampliado e valorizado: “a escola precisa ser abrir, não se fechar”. E o caminho para tal seria uma

maior parceria com atores da sociedade civil, como universidades, instituições religiosas, grupos culturais, etc. As professoras Débora e Paula concordaram, no entanto, que diante da gravidade do problema educacional brasileiro, educação domiciliar não deveria estar no

centro das discussões. Segundo ambas, a captura do debate por um tema periférico ocorre quando o governo falha em definir as prioridades.

Julia Callegari é estudante de Mestrado na Harvard Kennedy School of Government

PALESTRANTES:



Fátima Bezerra

Professora e pedagoga, elegeu-se deputada estadual por dois mandatos e exerceu três mandatos como deputada federal pelo Rio Grande do Norte. Em 2014, foi eleita senadora e em 2018, a Governadora mais votada da história do RN e a única mulher no país a governar um estado da Federação.



Luiz Tozi

Mestre e Doutor em Engenharia pelo ITA e professor da FATEC e da FGV. Foi Vice-superintendente do Centro Paula Souza e entre janeiro e março de 2019, ocupou o cargo de Secretário Executivo do MEC.



Paula Louzano

Diretora da Faculdade de Educação da Universidade Diego Portales, em Santiago do Chile. É pedagoga, Doutora em Políticas Educacionais pela Universidade de Harvard e Mestre em Educação Comparada pela Universidade de Stanford.



Débora Garofalo

Atua há 14 anos como professora da rede pública e é coordenadora da rede Conectando Saberes. Criou o projeto de Robótica com Sucata, que a levou a ser indicada como a primeira mulher brasileira entre os 10 finalista no Global Teacher Prize, maior prêmio educacional do mundo.



HOMENAGEM

Pelé: o maior jogador da história



Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé, além de ser apelidado “O Rei”, é o maior artilheiro da seleção brasileira, tricampeão mundial, além de ter sido eleito o melhor jogador do século pela FIFA. Seu reconhecimento internacional é tamanho que já foi até mesmo motivo para cessar fogo de guerras civis. Não obstante, Pelé é um atleta brasileiro que faz parte da história do esporte, e é uma inspiração ao redor do mundo. Dessa forma, Pelé foi escolhido para ser homenageado na *Brazil Conference at Harvard & MIT 2019*.

A homenagem ao Pelé contou com a participação da jornalista Glenda Kozlowski, que já foi campeã de bodyboard e que há 27 anos trabalha no esporte do Grupo Globo como apresentadora, repórter e narradora, e cuja carreira incluiu a cobertura de grandes eventos como Jogos Olímpicos, Copas do Mundo de futebol, e Jogos Pan-Americanos; além de ter sido a primeira mulher a narrar a conquista de medalha da história dos Jogos Olímpicos, nas Olimpíadas do Rio, em 2016. Também participou da homenagem o educador físico Adenor Bachi, conhecido

como Tite, que já foi futebolista, e atualmente é o treinador da seleção brasileira de futebol. Tite possui no currículo títulos da Copa do Brasil em 2001 pelo Grêmio, Copa Sul-Americana em 2008 pelo Internacional, Copa Libertadores da América e Mundial em 2012 e dois Campeonatos Brasileiros (2011 e 2015) pelo Corinthians.

Tite realizou uma apresentação para expor a sua percepção sobre o Pelé bem como a trajetória de Pelé, incluindo um



depoimento via vídeo de Zagallo, e o respectivo legado deixado na história do esporte, incluindo como a camisa de número 10 se tornou um “símbolo de excelência”. Tite também abordou as inúmeras habilidades técnicas e físicas que tornaram um grande atleta, mas também as características e mentais e virtudes. E, seu o relato pessoal acerca da grande emoção que foi encontrar Pelé pessoalmente.

No bate-papo com Glenda Kozlowski, Tite ressaltou a importância do estudo e do preparo necessários para ser técnico de futebol, treinar a seleção brasileira e alavancar o potencial da seleção brasileira. Inevitavelmente, a experiência da copa do Mundo da Rússia foi abordada, incluindo tanto

a emoção de representar o Brasil bem como a experiência lidar com a frustração ante a expectativa de conquistar o título de hexacampeão. Tite relatou que ao cumprimentar o técnico da equipe adversária logo após a derrota que eliminou a seleção brasileira, ouviu do técnico adversário “nós tivemos muita sorte”; enquanto Glenda acrescentou que o técnico adversário relatou que ao enfrentar a seleção brasileira, o maior desafio é enfrentar a história que ela representa, o que exigiu um grande preparo mental da seleção adversária. Tite e Glenda também discutiram as dificuldades em treinar a seleção brasileira ante a falta de convivência diária, e como Tite buscou se reinventar como treinador para enfrentar esses desafios tais como interpretar os atletas, e trabalhar os aspectos táticos e emocionais.

Tite e Glenda Kozlowski falaram sobre a importância do estudo e do preparo necessários para ser técnico de futebol, treinar a seleção brasileira e alavancar o potencial da seleção brasileira

Ao abrir perguntas para a plateia, indagado acerca de medidas para que o futebol brasileiro voltar a ser tão grande quanto a sua história, Tite afirmou que se trata de um conjunto de fatores, dentre eles a preparação dos técnicos, e a permanência de talentos do futebol nacional no Brasil.

Por fim, a homenagem ainda contou com a contribuição via vídeo de Neymar, Renato Gaúcho, Vinícius Júnior, Marcelo Vieira, Hortência, Carlos Alberto Parreira, Denílson, Zico, Joel Santana, Gilberto Silva, os quais enviaram mensagens de apoio à recuperação do Rei do futebol.

RELATOS DOS
EMBAIXADORES

ANIELE BERENGUER

EMBAIXADORA DA REGIÃO NORDESTE



Entre dois extremos

Eu tinha três anos quando recebi minha primeira ofensa racial. Nove anos quando minha mãe teve que me ensinar a andar de ônibus para ela poder voltar a estudar. Hoje eu trabalho numa comunidade, onde aos três anos já é natural presenciar o assassinato de seus familiares e aos nove, ter medo de brincar fora de casa por causa de tiroteios.

Eu me senti muito contemplada pela fala da deputada Tábata Amaral porque, como ela, também cresci numa realidade desprovida de recursos. Eu trabalho com pessoas a quem não é concedido os direitos mais básicos. Conheço um lado extremo da desigualdade, mas numa manhã de sábado recebi um telefonema que não só me levaria a mais de 6900 km de distância da minha cidade natal, Salvador, mas também me daria oportunidade de conhecer o outro lado, a um extremo completamente diferente de tudo o que eu conhecia.

Meu nome é Aniele Berenguer, eu sou embaixadora da região Nordeste da *Brazil Conference* de 2019. Eu fui pra conferência carregando a responsabilidade enorme de falar sobre a desigualdade racial no Brasil, um tema complexo, delicado e cheio de desconfortos. No painel +Brasil: histórias transformadoras pude lançar minha voz dizendo: “a pobreza tem cor”. Eu quis deixar evidente para todos ali presentes, que não há como falar de desigualdade, sem falar de raça. Cadê os negros? É uma pergunta que eu faço em todos os lugares de poder que tenho a oportunidade de acessar, mas não deveria ser uma responsabilidade só minha. Não teremos um país melhor, se ele não for mais justo e não se combater injustiças sociais em silêncio. Para um Brasil mais rico, mais crescente e influente também é preciso rever história, promover acesso e repensar privilégios.

Também fui contemplada pela fala da deputada estadual Mônica Seixas: “Deixar de falar sobre e deixar as pessoas falarem por si mesmas, de sua própria realidade”. Durante a conferência, senti falta de ouvir uma dona Maria, que empreendeu vendendo marmitas em casa, para conversar com os unicórnios sobre dificuldades e oportunidades. Senti falta da fala de um João, auxiliar de limpeza, sobre o que mudou na sua vida após as eleições. Senti falta das vozes que vem do outro extremo. Do lado que eu vim. Tem muita gente capaz, inteligente, informada, empreendedora e crítica, só que mora num CEP diferente. E a eles também interessa discutir os problemas retratados na conferência. Não dá para mudar o Brasil, sem os brasileiros.

Passar três dias conversando, trocando ideias, dividindo a mesa do café da manhã com algumas das pessoas mais influentes e poderosas do país foi uma experiência extraordinária! Tive a oportunidade de ver e entender a formação de um poderoso *networking* para projetos pessoais, coletivos,

impulsioneamento de ideias, crescimento de startups, financiamentos, acordos, parcerias e trocas. Tudo ali, entre uma bandeja de brownie, e uma foto com Barroso. Entretanto, conhecendo agora os dois extremos, não paro de pensar como podemos utilizar essa poderosa rede contatos para conectar os dois mundos. Mais do que caridade, precisamos de políticas públicas. Oportunidades. Investimento. Ação. Eu quero muito que o #Junto-SomosMais seja mais que um slogan, mas um compromisso sincero, para além dos portões de Harvard e do MIT.

“Tendo convivido com esses dois extremos da desigualdade ficava muito evidente pra mim, não só as oportunidades que eu tava tendo... mas todo mundo que estava morrendo ao meu redor... pras drogas, pra violência e pro crime.”



CARLLA VICNA
EMBAIXADORA DA REGIÃO NORTE

RELATOS DOS
EMBAIXADORES

Mais espaço para diálogos

Uma das razões pelas quais eu me apaixonei pela *Brazil Conference* foi a proposta de um espaço plural de diálogo. No nosso âmbito gostamos de acreditar que ouvimos e sabemos conversar com quem pensa diferente, mas raramente nos colocamos na posição de estar cara a cara com pessoas com visão e vivência distintas das nossas. Eu adorei a experiência da conferência porque senti que fui posta nesse espaço e estive de braços abertos para ouvir e compreender opiniões divergentes sobre o Brasil, e o interessante foi realmente sentir que mesmo diferentes essas opiniões tinham propósitos parecidos: impactar positivamente a vida dos brasileiros e elevar o país a um maior nível de desenvolvimento. Seja nos painéis ou nas conversas de corredor, o exercício do diálogo me fez ficar sedenta por mais, por querer cada vez mais ouvir pessoas de realidades que desconheço, com expertises que não domino e com opiniões diferentes das minhas. Zelar por esse espaço de diálogo vau com certeza ser minha prioridade em relação ao Centro Regional do Amazonas.

No mais, foi incrível poder conhecer de perto personalidades que admiro muito como a Tábata Amaral, Denise Amador, Mônica Seixas, Cristina Junqueira, dentre outras. Cheguei a me emocionar em certos encontros tamanha honra que senti em dividir espaço com elas. Um dos papéis que assumi quando me tornei Embaixadora foi ser voz. Acredito que quando alguém como eu ocupa um espaço

como o da *Brazil Conference* eu devo falar não só por mim, mas por todos os jovens da minha região. Compartilhar um pouco da minha vivência e realidade com os convidados e palestrantes me fez sentir que cumpri esse meu propósito pessoal.

O que mais me incomoda quando vejo discussões sobre o Brasil, é que raramente quem está na ponta tem voz. Como falar sobre juventude e Educação sem chamar o jovem ou o professor pra entrar na conversa? Isso eu percebi que era diferente na *Brazil Conference*. Apesar de ser uma conferência que já não ocorre no Brasil, o que pode aparentar ser excludente, notei um esforço enorme em trazer representantes das mais diversas realidades do país para a discussão, e isso me fez sentir representada.

A *Brazil Conference* é uma grande inspiração pra mim e agora agarro com ainda mais vontade a missão de reproduzir a alma de um evento assim na minha região. O que eu vou focar é proporcionar um espaço plural de diálogo ao mesmo tempo que proporciono oportunidade para os que geral-

mente não tem voz falar e questionar os grandes detentores de informação e poder. Minha missão é que espaços de diálogo sobre o Brasil tenham cada vez mais Brasil!

“O que mais me incomoda quando vejo discussões sobre o Brasil, é que raramente quem está na ponta tem voz. Como falar sobre juventude e Educação sem chamar o jovem ou o professor pra entrar na conversa?”

RELATOS DOS
EMBAIXADORESMARIANA RIBEIRO
EMBAIXADORA DA REGIÃO SUDESTE

Uma experiência de ressignificação

Devo começar dizendo que a *Brazil Conference* é uma experiência muito intensa e transformadora por diversos motivos. O primeiro deles é a quantidade de diversidade que compõem o evento. Ao longo dos painéis ou nos intervalos entre eles era possível ver grandes líderes, de diferentes áreas e com opiniões contrárias construindo juntos ideias para a melhoria do nosso país. Outro ponto importante é como a maior parte dos participantes estava pronta para ouvir o outro, mesmo já sendo um nome referência no Brasil ou sendo um estudante ainda no início de sua graduação. Todos têm lugar de fala na BC.

O conteúdo dos painéis era muito relevante para o nosso país. Alguns deles me marcaram de forma especial. Gosto de citar o “+Impacto: Tecnologia como instrumento de transformação”, onde o criador do *Khan Academy*, juntamente com o CEO da Fundação Estudar, comentou como a tecnologia desenvolvida atualmente pode ser usada para causar impacto positivo em setores de alta vulnerabilidade, como a educação, por exemplo. Atualmente, eu tenho a oportunidade de ser bolsista do *Insper* e vejo como a universidade usa da tecnologia para desenvolver melhor estrutura visando ter alunos focados não apenas em gerar renda, mas também em gerar impacto. Por esse motivo e por ser uma temática que já trabalho em meus projetos, a palestra me motivou a pensar em como eu posso estender isso para outras universidades e estudantes.

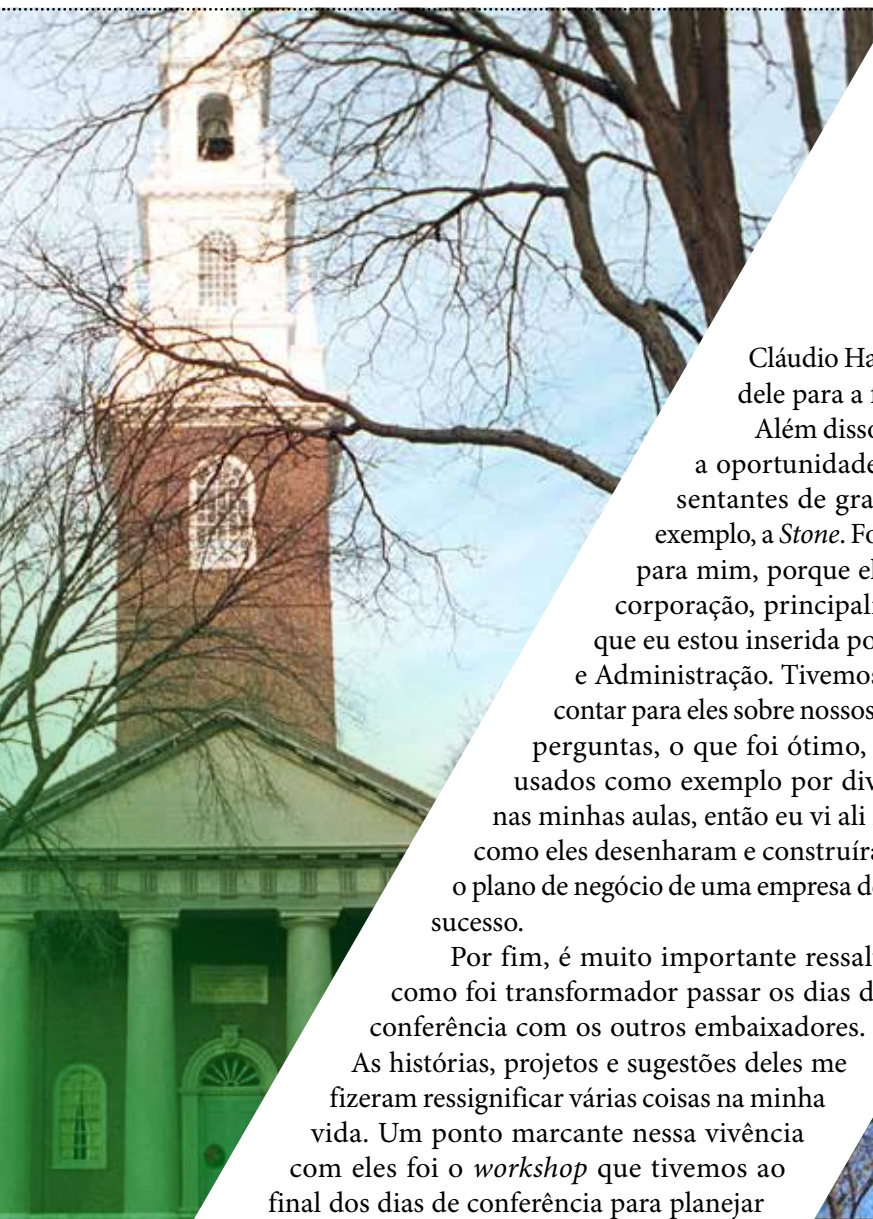
Outro painel de destaque para mim foi o “+Investimento: o Brasil é uma boa opção”, com a CEO da Latam e o CEO do BTG Pactual. O próprio nome do painel já caracteriza uma das responsabilidades dos embaixadores da BC: absorver o conteúdo exposto e compartilhar com a maior

parte dos brasileiros, em diversas regiões do nosso país. Nosso objetivo com isso é conseguir levar os insumos suficientes que comprovam que é possível juntar as grandes lideranças brasileiras para construir projetos que tirem o nosso país de qualquer zona de conforto que ele possa estar inserido, mostrando que ele é sim uma boa opção.

As pessoas que eu conheci também fizeram da minha experiência algo único. Durante o processo seletivo para ser embaixadora da BC, respondi quais foram os painéis que eu mais tinha gostado na edição de 2018. Minha resposta foi baseada em duas grandes inspirações. O primeiro nome citado foi Jorge Paulo Lemann, para mim um dos maiores líderes brasileiros, com imensa capacidade de gerar oportunidades à

talentos, independentemente de qualquer adversidade. Além dele, Cláudio Haddad, o criador da faculdade em que estudo e um dos principais doadores do fundo de bolsas que possibilita meu estudo lá. E, na conferência, realizando um sonho antigo, tive a oportunidade de participar de uma conversa com Jorge Paulo e assistir um dos melhores painéis que a conferência apresentou, o “+Talentos: desenvolvendo os líderes do amanhã”, além de encontrar com o

“As pessoas que eu conheci também fizeram da minha experiência algo único. Durante o processo seletivo para ser embaixadora da BC, respondi quais foram os painéis que eu mais tinha gostado na edição de 2018”



Cláudio Haddad, podendo ouvir mais da visão dele para a filantropia no Brasil.

Além disso, como embaixadores, tivemos a oportunidade de ter reuniões com representantes de grandes empresas como, por exemplo, a *Stone*. Foi uma experiência incrível para mim, porque eles são referência como corporação, principalmente no mundo em que eu estou inserida por estudar Economia e Administração. Tivemos a oportunidade de contar para eles sobre nossos projetos e fazer perguntas, o que foi ótimo, pois eles são usados como exemplo por diversas vezes nas minhas aulas, então eu vi ali na prática como eles desenharam e construíram todo o plano de negócio de uma empresa de tanto sucesso.

Por fim, é muito importante ressaltar como foi transformador passar os dias de conferência com os outros embaixadores.

As histórias, projetos e sugestões deles me fizeram ressignificar várias coisas na minha vida. Um ponto marcante nessa vivência com eles foi o *workshop* que tivemos ao final dos dias de conferência para planejar os próximos passos como embaixadores.

Foi um trabalho muito construtivo, onde cada um colocou seu ponto de vista. Gostaria de fechar com uma fala que me marcou durante esse *workshop*: nós devemos trabalhar em equipe partindo do ponto do “sim, e” e não do “sim, mas”. Isso quer dizer que não devemos nos basear em contrapor o outro, mas sim somar às ideias e eu vejo que é nessa linha que a *Brazil Conference* trabalha e que devemos expandir no nosso país para impactá-lo cada vez mais, cada um com o seu propósito.



RELATOS DOS
EMBAIXADORES**DANIEL HERINGER**
EMBAIXADOR DA REGIÃO SUDESTE

É tempo de agir

No início de Abril, tive a oportunidade de representar a região Sudeste como Embaixador na *Brazil Conference at Harvard and MIT*, um evento organizado pela comunidade de estudantes brasileiros em Boston que discute o futuro do nosso país.

Foi uma experiência muito marcante e gostaria de compartilhar com vocês alguns dos meus maiores aprendizados dessa jornada.

Primeiramente, um aprendizado que parece bobo, mas que foi importante viver na prática: pessoas são sempre de carne e osso, não importa onde estejam. Seja em Harvard, MIT, USP ou qualquer outro lugar, as pessoas são feitas dos mesmos corpos, corações e almas e tem potencial para impactar. Nós admiramos tanto os grandes feitos que são liderados por essas prestigiosas instituições em Boston que até nos distanciamos, quase como numa reverência intelectual, que gera a ideia de que lá isso acontece porque eles são pessoas diferenciadas e, por isso, nós nunca faremos tão bem quanto eles. Nada disso! Somos todos feitos de carne e osso e, se produzimos de maneira diferente, é culpa das nossas práticas e não das nossas pessoas. Não adianta pedir socorro, achar que há salvadores lá fora que vão nos salvar dos nossos problemas. Somos NÓS, brasileiros, com nossos potenciais e habilidades que faremos isso.

Em segundo lugar, destaco um aprendizado que vi na prática com os estudantes brasileiros de lá e na teoria com o Prof. Erez Yoeli, do MIT, com quem conversei sobre uma pesquisa em desenvolvimento. É preciso comunicar a expectativa certa sobre o comportamento das pessoas para que o coletivo caminhe junto na direção correta. Uma grande diferença que senti por lá foi que é bem explícito que é esperado que os alunos dessas universidades sejam pessoas que vão de alguma maneira mudar o mundo.

Isso é dito tanto diretamente com palavras quanto indiretamente, com os muitos exemplos de pessoas notáveis que passaram por lá que tem suas histórias contadas com muito orgulho em diversos contextos, gerando um grande efeito Pigmeleão, um nudge histórico que direciona e inspira os alunos a se sentirem responsáveis por gerar essa transformação e fomentar esse contexto com seu próprio trabalho e com dinheiro por meio de doações. Quantas pessoas na sua faculdade se sentem responsáveis por mudar o Brasil? E quantas vezes já foi dito isso a elas durante suas carreiras? Hoje vejo que temos que falar mais isso. É importante deixar claro que o futuro do Brasil é nossa responsabilidade e é esperado que sejamos os agentes de transformação após tanto investimento nas nossas próprias formações acadêmicas.

Por fim, aprendi que já é tempo. Já é hora. Como brilhantemente disse uma das co-presidentes do evento, Elisa Mansur, o Brasil não é mais o país do futuro, mas sim, o país do agora. Temos

muitos exemplos fantásticos de que já está na hora de botar pra fazer, não só planejar, mas tirar do papel. Seja com o trabalho da Tabata Amaral que com 25 anos é deputada federal, tendo origem na periferia e formação em Harvard ou com a inspiradora história de Joana Felix que com 17 anos se formou em química na UNICAMP e hoje transforma a realidade de jovens por meio da ciência, com diversos trabalhos sendo premiados, sendo professora em uma escola técnica em Franca. É tempo de agir e não temos desculpas para não fazer isso. Vamos juntos.

“Temos muitos exemplos fantásticos de que já está na hora de botar pra fazer, não só planejar, mas tirar do papel. É tempo de agir e não temos desculpas para não fazer isso.”



LUCAS GREMASCHI
EMBAIXADOR DA REGIÃO SUL

RELATOS DOS EMBAIXADORES

Um voo inesquecível

Bom, o que dizer da minha experiência na *Brazil Conference*? Reunir tudo o que senti e vivi nessa semana incrível em palavras é uma tarefa quase impossível. Foi um momento único e extraordinário, diferente de qualquer coisa que eu já tenha vivido. No final da conferência, um amigo no Brasil me perguntou como eu estava me sentindo com tudo aquilo, em um lugar como a BC. Eu respondi “estou me sentindo como quando você anda de avião pela primeira vez na vida e olha as nuvens pela janela”. É única forma que eu consigo expressar como foi a experiência de estar lá.

Até então, eu achava que já havia visto o mundo de cima, em congressos e palestras da minha área, mas, quando cheguei, percebi que eu nunca havia antes alçado tão alto voo. Foi como se todo o Brasil coubesse na *Science Center de Harvard*. Naquele momento, eu pude ver esse Brasil imenso através dos olhos de cada um dos participantes ali presentes. Eu pude ver pessoas, que, como eu, estão preocupadas com o presente e futuro do nosso país, e estão não só dispostas a discutir sobre isso, mas a ativamente transformar essas realidades. Nunca antes eu havia visto tantas trajetórias inspiradoras, tantas ideias, tantos projetos transformadores em um lugar só. Eu pude olhar a nossa nação por uma perspectiva totalmente diferente. Pude conhecer um pouco das soluções que estão sendo desenvolvidas para os problemas brasileiros, mas muito mais importante, conheci as pessoas que são o coração e a alma dessas iniciativas tão inovadoras.

Da mesma forma que meu sentimento, dimensionar todo o aprendizado em um só texto somente seria possível se meu limite para escrever não fosse 4000 caracteres.

Tive a oportunidade de conhecer tantas histórias de pessoas, que, mesmo tão diferentes, compartilham da mesma vontade de fazer acontecer e mudar o mundo. Conheci os organizadores da BC, as figuras por trás do espetáculo, pilotos e

copilotos desse trajeto, que trabalharam pra que esse voo fosse possível. Elisa, Adrianna, Pedro, Iago, Laurinha - e tantos outros que fizeram decolar esse evento - foram pra mim as maiores celebridades que tive a honra de conhecer.

Não posso deixar de dizer que nesse voo eu não senti sozinho na janela. Eu tive a honra de compartilhar esse momento com os outros nove embaixadores e os dois documentaristas da BC. Pra mim não houve palestrante, autoridade ou figura pública que me inspirou tanto e me ensinou tanto quando eles. Eros, Aniele, Mariana, Daniel, Gustavo, Jackson, Amanda, Francisco, Marina, Carlla e Natália são os nomes que faço questão de dizer. Aprendi com eles sobre força, empatia, resiliência e vontade de entregar ao mundo o melhor de si. Pude ouvir suas histórias, ambições, medos e o que os motivam a serem quem são. Cada um em suas regiões levantando bandeiras das mais diversas e lutando por Brasil melhor para todos. Eles representam pra mim toda a criatividade, carinho, inteligência, entusiasmo e empreendedorismo do jovem brasileiro.

E, por fim, aprendi sobre mim, que também faço parte dessa transformação, e, mais do que nunca, tenho nas minhas mãos o poder de ser protagonista dessa história que também é minha. Aprendi que sou capaz sim de gerar impacto positivo na vida das pessoas e que o que eu faço importa. Não é só o meu dever, mas também a minha missão levar essa mensagem pra minha região e multiplicar tudo aquilo que vi, senti, aprendi e vivi nessa uma semana. O excesso de bagagem que levo pra casa é a vontade de mudar o mundo, não em uma daquelas frases ingênuas que a gente fala em um delírio de grandeza, mas aquele sentimento genuíno de que não existem limites para o que se pode construir quando se tem pessoas empenhadas nisso. Eu quero trazer pra minha família, meus amigos, meus colegas e professores a mesma sensação que eu tive de que é possível sim ter um país melhor e que isso depende de mim e de cada um de nós. E, como ficamos depois do nosso primeiro voo, não vemos a hora de entrar no próximo.

RELATOS DOS
EMBAIXADORESEROS FREDERICO DA SILVA
EMBAIXADOR DA REGIÃO CENTRO-OESTE

O Brasil é o país do agora!

Inicio este texto afirmando que escrever sobre o que significou a *Brazil Conference 2019* (BC) não é uma tarefa fácil. O processo que se iniciou no segundo semestre de 2018 com minha inscrição para o Programa de Embaixadores 2019 se consumou no dia 14/01/2019 com a ligação do time da BC me comunicando que havia sido selecionado como um dos Embaixadores da Região Centro-Oeste. Esta ligação já foi o suficiente para alterar todo meu cotidiano.

Imagine como é saber que você foi selecionado para estar em uma conferência realizada em Harvard e no MIT que conecta política, academia e indústria para dialogar soluções para o Brasil. Imaginou? Então, foi exatamente isso que eu pensei. Que oportunidade! A cada informação nova, agenda dos embaixadores, bem como a cada novo convidado sendo divulgado deixava tudo ainda mais incrível, não tinha como ser melhor que aquilo, era o que eu pensava; mas na verdade tinha, e não é que foi?

Já em Cambridge/MA, a agenda pré-conferência já se iniciou com o encontro de todos os Embaixadores e com uma aula de Macroeconomia no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) ministrada pelo professor Rigobbon. Essa experiência foi de fato significativa para mim uma vez que já havia lido artigos e materiais dele, mas nunca havia me passado que um dia assistiria aula com ele. Foi incrível!

Ainda em sede de pré-conferência a confraternização de nós embaixadores com o Time da BC foi essencial para fortalecer ainda mais nossa conexão. De fato, foi uma noite que jamais sairá de minha memória, pois ali pude compreender que mesmo com os obstáculos, se nos juntarmos, o impossível vira clichê, pois de forma colaborativa e estratégica

quebramos os paradigmas mais complexos. Nesse sentimento, de colaboração, que começou a conferência no dia 05 de abril.

Este dia se iniciou com nosso painel de abertura, em que contamos um pouco de nossas histórias sob mediação do apresentador Luciano Huck. Foi um momento ímpar, uma mistura de nervosismo com a felicidade de poder estar ali.

Foi marcante, pois acredito ter ficado claro durante a fala do João, do Marcos, do Luciano e de nós Embaixadores que a Educação é a solução para pensarmos um Brasil melhor. Ao final deste painel, uma professora de ensino básico no Brasil nos procurou (embaixadores) e disse o seguinte: “eu gostaria de parabeniza-los e dizer que estou muito feliz de conhecer a história de vocês, porém, ao mesmo tempo fico triste ao pensar que muitos não têm a mesma oportunidade e adentram no mundo das drogas e crimes, como muitos alunos meus”. A professora neste momento se emocionou e houve um abraço coletivo, que ocorreu de forma tão espontânea e significativa.

Dentre esta perspectiva, no dia 06 de abril o painel “+ Resultados: Construindo um Estado Eficiente” com a presença da Ana Abraão, do Romeu Gema e do Nick Rodrigues que buscou discutir diferentes práticas que de alguma forma

tiveram impacto na esfera pública me marcou de forma significativa. Isto porque, todos os meus projetos possuem como intuito o uso do conhecimento científico para tomada de decisão. Poder ver este diálogo foi

“Foi uma noite que jamais sairá de minha memória, pois ali pude compreender que mesmo com os obstáculos, se nos juntarmos, o impossível vira clichê, pois de forma colaborativa e estratégica quebramos os paradigmas mais complexos.”

especial, a palestrante Ana Abraão trouxe dados estatísticos sobre políticas adotadas pelo Estado e qual o seu real impacto, isso tornou a discussão eficiente. A meu ver, este painel conseguiu de forma satisfatória estabelecer conexões e possíveis soluções para o Brasil e contribuiu muito para meu conhecimento sobre políticas públicas.

Nessa perspectiva, ainda no dia 06 de abril tive a oportunidade estabelecer um bate-papo com o Ministro Luis Roberto Barroso e indagá-lo por quais motivos nossos três poderes, quais sejam, executivo, legislativo e judiciário insistem em criar ações sem o mínimo de evidências científicas claras.

O Ministro nesse momento lembrou que antes de ser do Supremo Tribunal Federal é professor e por isso compactua da mesma ideia, que temos de basear as ações públicas em evidências. Disse ainda que em suas decisões tenta ao máximo estabelecer essas premissas, de modo a tornar suas ações mais efetivas, porém afirmou que este é um trabalho que ainda precisa ser feito de forma plena pela Administração Pública. Este foi um momento especial para mim tendo em vista que pude externar junto ao Ministro um caminho que nosso Estado poderia adotar para evitar diversos problemas econômicos e sociais.

Por fim, o dia 07 de abril, último dia de conferência, foi marcado por muitas emoções. Era o final de um evento, que digo, não é mais apenas um evento é uma IDEIA a ser seguidas para um Brasil melhor. Neste dia fiz muitas conexões, conversei também com várias outras pessoas, sob diversas perspectivas e visões. Foi um encerramento emocionante e por isso gostaria de concluir este texto com uma fala marcante de nossa Co-Presidente Elisa Mansur: “Todos nós temos sonhos para o Brasil. Mas, mais do que isso, precisamos fazer. Passou da época de falarmos que o Brasil é o país do futuro. O Brasil é o país do agora”.



RELATOS DOS
EMBAIXADORES**JACKSON VIANA**

EMBAIXADORA DA REGIÃO NORTE



Espaço para diálogos

A minha participação na *Brazil Conference* at Harvard & MIT 2019 proporcionou múltiplas oportunidades para o meu crescimento profissional e acadêmico e para o meu amadurecimento enquanto cidadão brasileiro, fortalecendo ainda mais a minha consciência social e o meu entendimento de como podemos unir os inúmeros talentos para construir um Brasil melhor, alicerçando tal pensamento no próprio tema da conferência este ano: Juntos Somos Mais.

Durante o bate-papo com a Deputada Federal Tábata Amaral, junto com estudantes brasileiros nos EUA e outros dois Embaixadores, renovei as minhas expectativas de construção de um campo político centralizado em ideais e propostas para mudanças positivas no Brasil, prescindindo os extremos de direita e esquerda e focando nos principais anseios da população brasileira, que nos exige soluções urgentes para melhoria da vida de todos.

A *Brazil Conference* foi, sem dúvidas, o maior espaço de diálogos do qual já participei em toda a minha trajetória e acredito que tende a se consagrar (se já não é) como o maior evento de discussões sobre o Brasil, no mundo inteiro.

Pude, portanto, a partir do contato com pessoas das mais diversas regiões do Brasil, compreender a especificidade das questões que envolvem a vida das pessoas em cada parte da nossa nação, mas, principalmente, a relevância dos temas que envolvem o país como um todo: meio ambiente, segurança, educação, saúde, economia, entre outros, que foram assuntos oportunamente discutidos durante os painéis por palestrantes que tão bem representam suas áreas – alguns divergindo, porém, todos direcionados à resolução dos problemas e a permitir que enxerguemos de maneira mais sensível a realidade.

É fato que a presença do Vice-Presidente da República Hamilton Mourão trouxe também ainda mais legitimidade às discussões, demonstrando que os interesses reais do Brasil estavam sendo discutidos responsavelmente durante a Conferência, o que, particularmente, ofereceu-me, enquanto Embaixador da minha região Norte, um orgulho imenso por

fazer parte desse momento tão importante para os rumos do Brasil e para o rumo particular da minha vida.

A oportunidade de estar tão próximo, de ouvir e até mesmo de dialogar com personalidades que eu somente havia chegado a prestigiar pela televisão e internet representou um marco na minha vida, um divisor de águas no meu entendimento sobre a importância da minha participação e, representativamente, da participação do jovem nortista na construção de um país mais justo e com maiores oportunidades. Por isso mesmo, a ideia que eu alimentei durante a minha adolescência de que devemos acreditar no nosso potencial para que abramos as nossas próprias portas e para que criemos as nossas próprias oportunidades saiu ainda mais fortalecida de toda essa grande e inesquecível experiência, maior do que qualquer outra que eu já vivenciei. Além do mais, a força de vontade e confiança que a *Brazil Conference* nos alimentou me permite acreditar que ainda existirão outras oportunidades de eu fazer o melhor pelo Brasil, pela minha região Norte, inclusive por consequência de tudo o que vivemos e aprendemos ali.

Sou eternamente grato à confiança que me foi depositada para ser o representante da minha região Norte durante o evento, mas, tanto o quanto, sou grato às pessoas que criaram, desenvolverem e fazem essa grande Conferência acontecer, pensando no Brasil e nos seus graves problemas, mas sem esquecer dos grandes talentos que aqui temos como ferramentas para contornar todas essas dificuldades.

O time da *Brazil Conference* foi, certamente, o maior responsável pelo sucesso dessa Conferência e com certeza serão co-responsáveis pelas grandes conquistas, frutos desse evento, que conheceremos nos próximos anos. Cabe a mim, enquanto Embaixador, zelar, daqui do Brasil, pelo sucesso e pelo crescimento dessa Conferência, fazendo o melhor possível para oportunizar que outros jovens talentosos da minha região vivam, nos anos vindouros, uma experiência tal qual eu pude vivenciar (e ainda estou vivenciando) em 2019.



NATALIA CECILIA
EMBAIXADORA DA REGIÃO SUL

**RELATOS DOS
EMBAIXADORES**

Debate com pluralidade

A Brasil Conference foi responsável por momentos inesquecíveis e oportunidades que antes me pareciam impossíveis. Estar no meio de tantas pessoas que realizam trabalhos e projetos de impacto, me envolveu num manto de pertencimento. Acredito no poder da identificação como propulsor de sonhos e planos. Apesar de tudo ter sido intenso, um momento se destaca: compartilhar experiências com Tabata Amaral.

Em 2018, deixei minha cidade no interior de Alagoas e mudei para Florianópolis, em busca de um curso que não existia no meu estado, optei por uma carreira não tradicional e hoje sou graduanda em relações internacionais na UFSC. Fui uma aluna no ensino médio e não possuía grandes desejos ou projeções de futuro. Naquela época eu até sabia o que era Harvard, a melhor universidade do mundo, mas em momento algum enxergava em mim capacidade de um dia ser aluna da instituição. Não conhecia alguém da minha realidade que tivesse alcançado essa oportunidade.

Tudo isso mudou com um vídeo do youtube, uma entrevista da Tabata para Augusto Olivieri (membro do Líeres da Fundação Estudar). Depois de assisti-la eu comecei a sonhar, fui atrás de mais e mais informações sobre a universidade e procedimentos de ingresso. Nessa busca descobri o que era a Fundação Estudar, a Fundação Lemann e a *Brazil Conference*. A partir de então, decidi ser a melhor aluna do meu curso, além de me imaginar conhecendo a tão falada melhor universidade do planeta. Uma simples entrevista, num

vídeo de youtube, mudou minha vida, planos de meta e pretensões de carreira.

Espero que com a visibilidade do cargo de embaixadora, eu possa incentivar outras pessoas a sonhar e mostrar que existem possibilidades. Esse efeito multiplicador,

que aproxima realidades e incentiva sonhos, tem imensurável impacto. Agora compreendo bem o imprescindível papel dos Diálogos, transmissões ao vivo que acontecem simultâneas à conferência, pois não basta apenas disponibilizar: é vital incentivar eventos presenciais.

Além de poder agradecer a Tabata pessoalmente, a imersão nas ideias e projetos dos painéis impactaram meu pensamento. De repente, uma realidade tão distante estava na minha frente, personificada em palestras e pessoas. Uma das que mais marcou minhas lembranças foi a da Claudia Sender, CEO da LATAM Airlines. Ela

foi aluna de Harvard nos anos 2000, quando cursou o MBA. Descontraída, contou uma história sobre seu primeiro dia de aula. Emocionou a todos ao relembrar uma frase dita por seu pai, "Você está realizando o sonho que eu jamais ousei sonhar". Reafirmou aos presentes o valor e privilégio que é estudar nas melhores instituições do mundo. Além de ter abordado temas sensíveis para mulheres que almejam assumir posições de liderança como assédio, subestimação da capacidade feminina e exclusão. Também demonstrou força

e sensibilidade ao contar em pormenores erros e acertos cometidos durante sua gestão.

Outrossim, a *Brazil Conference* é a prova que não há debate sem pluralidade de representações e de ideias. Nos comentários das postagens do perfil oficial da conferência, é notável a inclinação política que levava pessoas a críticas infundadas. Os três dias de evento foram um amplo exercício do que realmente interessa ao país: encontrar a melhor solução por via de fato e diálogo, explicitar metas e implementação. Voltar ao Brasil com todo conhecimento adquirido, de modo a espalhar o que aprendi e multiplicar o sentimento de identificação com propósitos, ideias e projetos é meu maior incentivo.

“Espero que com a visibilidade do cargo de embaixadora, eu possa incentivar outras pessoas a sonhar e mostrar que existem possibilidades”

RELATOS DOS
EMBAIXADORESFRANCISCO CAVALCANTE
EMBAIXADOR DA REGIÃO NORDESTE

O Brasil precisa de sustentabilidade social

Entre os objetivos da *Brazil Conference* at Harvard & MIT está o de encorajar jovens a desempenharem papel ativo e transformador frente à realidade brasileira e de criar **+Lideranças** jovens que instigarão discussões em universidades no Brasil. Com o olhar atento a este objetivo, eu pude constatar, em três dias de imersão nos Estados Unidos, o impacto dessa iniciativa para promoção de **+Diálogo**, construção de **+Soluções** estratégicas e, principalmente, para transformação de pessoas.

No painel **+Brasil** Luciano Huck apresentou a trajetória de brasileiros que ele conheceu durante sua vida, como a Dona Marlene e a Dona Zilda. Quando ele falou da questão da desigualdade social no Brasil e da “preocupação com a geladeira das pessoas”, me veio à mente minha mãe, Dona Maria. Ela cuidou sozinha de 6 filhos e teve de transformar o limão em limonada para cuidar de mim (o caçula) e dos meus demais irmãos. Eu me emocionei no decorrer da narrativa do apresentador porque as histórias que ele pronunciava eram semelhantes a minha própria trajetória de vida, tendo em vista que sinto na pele o peso da desigualdade de oportunidades e da ausência de políticas públicas que tenham **+Impacto** e **+Resultados** na minha vida e das pessoas ao meu redor.

Por meio da *Brazil Conference*, eu pude sair de uma pequena cidade do semiárido nordestino chamada Nova Jaguaribara, localidade que teve sua antiga sede demolida para construção de uma faraônica barragem no Ceará. Coincidentemente, foi discutido no painel **+Memória** os

impactos de tragédias como a de Brumadinho/MG e do Museu Nacional (RJ). A Antiga Jaguaribara não foi atingida por rejeitos de minério, mas tem semelhanças com Brumadinho como a busca por reconstrução de **+Moradias**. Sair de Jaguaribara, atravessar o Atlântico e disseminar ideias que sempre acreditei como relevantes para a construção de um Brasil mais justo, solidário e progressista chegando até Harvard e MIT foi a concretização de um sonho.

O fato de acompanhar e discutir temáticas importantíssimas com jovens, que assim como eu, acreditam no seu potencial de transformação e mudam a realidade na qual estão inseridos, foi outro ponto que me alegrou durante os três dias de conferência, tendo em vista a conexão com os(as) incríveis embaixadores(as) Aniele, Carlla, Daniel, Eros, Jackson, Lucas, Mariana, Marina e Natália. Por **+Embaixadores** como eles! Gratidão também à Adrianna, Laura e Pedrinho por terem cuidado e nos protegido desde a chegada em Boston até os momentos de frio não muito adaptáveis para um nor-

destino como eu.

Assim como foi discutido no painel **+Talentos**, acredito que nos tornamos poderosos quando temos uma visão mais clara do nosso futuro e estabelecemos metas, sempre mantendo o foco em alcançá-las e tendo **+Inovação**, por isso

“ Por meio da Brazil Conference, eu pude sair de uma pequena cidade do semiárido nordestino chamada Nova Jaguaribara, localidade que teve sua antiga sede demolida para construção de uma faraônica barragem no Ceará”



lembro das palavras do Huck na abertura: “ter clareza nas ideias é ter poder”. Percebi que essa pequena frase estimulou meu potencial de transformação para o engajamento com a redução das desigualdades e para a derrubada de muros ideológicos visando a construção de novos modelos educacionais e econômicos que possam, de fato, construir um Estado com **+Desenvolvimento, +Resultados, +Aprendizagem, +Investimento e +Inclusão**, baseando-se na luta não só por **+Segurança** e igualdade formal, mas por **+Justiça, +Tolerância e +Igualdade** material entre os indivíduos.

Nos intervalos, eu me encontrei com diferentes personalidades: da Tabata Amaral ao Jorge Paulo Lemann, do Guilherme Boulos ao General Mourão, do jantar com o CEO da Arco Educação ao com os presidentes da Ambev, onde falamos sobre **+Negócios**.

Falei com a publicitária e diretora do Instituto Identidades do Brasil, Luana Génot, sobre a importância de termos **+Negros** em espaços como a *Brazil Conference*. Todavia, o que mais me surpreendeu foi uma participante baiana, que na fila do *coffee break*, me parou e disse-me: “Diante de um cenário desafiador no Brasil, aqui eu senti orgulho de ser brasileira por vocês [Embaixadores].

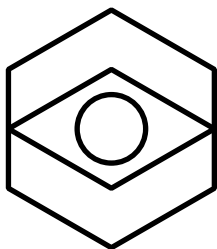
Eu ri e chorei com você, Francisco”. Eu fiquei tão feliz por saber que minha participação estimulou positivamente outras pessoas.

Cada mensagem, **+Views** no Instagram e abraços que recebi de pessoas que não conhecia mostrou que minha voz foi ouvida e que somos um dos países com **+Filantropia** no mundo.

A pluralidade de pessoas, valores e ideias chamou-me a atenção e convidou-me a refletir sobre a maléfica polarização política [criticada por Ciro Gomes no painel **+Debate** e discutida em **+Jornalismo**] que contamina o Brasil e impede o pleno desenvolvimento que tanto almejamos. Pensar o nosso país em várias perspectivas tendo como base **+Democracia, +Multilateralismo e +Diplomacia** e entender a renovação de ideias dita pela Tabata no **+Renovação** foi um dos principais aprendizados que adquiri durante o evento

Para finalizar este relato, destaco um aprendizado: para pensar no Brasil é preciso pensar em **+Sustentabilidade** não só ambiental, como também social. Nas palavras da co-presidente Elisa Mansur, “todos nós temos sonhos para o Brasil, mas, mais do que isso, precisamos fazer. Passou da época de falarmos que o Brasil é o país do futuro. O Brasil é o país do agora” e acima de tudo, devemos ter a consciência de que **#JuntosSomosMais**.



RELATOS DOS
FINALISTAS

HACKBRAZIL

A HackBrazil é uma competição anual de iniciativa da Brazil Conference at Harvard & MIT. Sua missão é unir brasileiros dos mais diversos ramos - estejam eles entre os mais habilidosos dos makers, os mais criativos dos designers, ou os mais apaixonados dos empreendedores. Todos os desafios enfrentados pela nação estão no jogo, e a HackBrazil irá acelerar startups, montar protótipos e conectar pessoas para que soluções concretas resolvam esses problemas. Na fase final, cinco equipes selecionadas farão seus pitches finais durante a Brazil Conference 2019, no MIT e em Harvard. Essas equipes terão acesso a diversos painéis durante a Conferência e vão desempenhar o papel fundamental de representar a tecnologia brasileira.

Neste ano, os cinco finalistas foram as equipes AQUALUZ, BLUE, HELIDROP, INSTOK e NEXTCAM.

- **Veja os relatos dos 5 finalistas.**

AQUALUZ

RELATOS DOS FINALISTAS

Participar da Hack Brazil foi muito enriquecedor, de modo geral. A aceleração conseguiu surtir um efeito divisor na trajetória do Aqualuz, com influência não somente sobre o produto, mas de muito ensinamento para cada um de nós, membros. Falando especificamente da Fase Maker, é possível pontuar três aspectos que foram muito importantes: as oficinas, as mentorias e as atividades.

Os conteúdos passados através das oficinas, que sempre traziam especialistas nos temas, foram de grande contribuição para o amadurecimento e crescimento das startups. A experiência de ser uma equipe de jovens, concluindo a graduação, parte de uma empresa em fase inicial e receber de especialistas da área a densidade de informações passadas na Hack, que iam desde técnicas de investimento até design e pitch, é quase indescritível, e sem dúvidas, muito marcante. Além do conteúdo em si, todas as oficinas destinavam um tempo para dúvidas, bastante comum entre todos os participantes.

As mentorias funcionaram com dois mentores analisando todos os passos até o momento, tentando ter um entendimento maior sobre nosso projeto, o que é, desenvolvimento etc. Esse foi um período que requereu uma série de entregas relacionadas a assuntos importantes para o produto, fundamental para um aprimoramento dos objetivos, uma maior clareza do projeto e em como submetê-lo. Eles passaram como funciona o processo da apresentação de uma empresa para seus possíveis investidores, sobre o que eles realmente procuram. Nossos mentores sempre trou-

xeram insights, orientações muito ricas para o Aqualuz e ajudaram a melhorar não só o produto, mas questões como escalabilidade e sustentabilidade financeira. Essa fase foi extremamente importante pois no guiou e nos deu fôlegos para atingir as diversas

metas necessárias para mostrar a viabilidade e potencial que o Aqualuz possui.

Aliado à isso, as mentorias recebidas também fomentaram, de diversas formas, o desenvolvimento do produto e da startup, acrescentando e chamando atenção para alguns pontos que antes passavam despercebidos. Acho inclusive, que este foi um dos maiores aprendizados da Hack Brasil: a observação de diversas óticas, ter diferentes olhares sobre a mesma questão, tentar abranger o máximo possível daquilo que é pertinente para o seu projeto aproveitando o melhor de cada visão. É possível notar o quão próximo esse aprendizado está do propósito de pluralidade promovido pela *Brazil Conference*.

O terceiro aspecto, relacionado às atividades realizadas nessa fase, fez com que colocássemos na prática grande parte daquilo que estávamos aprendendo, e ajudou bastante, principalmente na elaboração de um planejamento estratégico, que nos possibilitou ver com clareza o que já temos, onde queremos chegar, e o que faremos para alcançar.

Com relação à vivência da *Brazil Conference* em si, é necessário ressaltar o quão grandioso foi fazer parte do evento. Além da honra e felicidade em ser um finalista da Hack, e poder apresentar a ideia que temos para pessoas com histórias e trajetórias bem

sucedidas, foi incrível ter a oportunidade de conhecer lugares como Harvard e o MIT, grandes centros de inovações, e participar das oportunidades proporcionada pelo evento e que certamente não teríamos no Brasil. Se fosse necessário resumir em uma palavra o que a BC representou para nós, eu diria que seria inspiração. Voltamos para casa com muito mais que a certeza de que mostramos que os nordestinos e as mulheres são capazes de grandes feitos, e com o segundo lugar da competição; Trouxemos diálogos com pessoas que admiramos, novas visões sobre temas pertinentes ao nosso país, uma série de pessoas que torcem pelo nosso projeto, com uma equipe ainda mais unida, e principalmente, com uma vontade ainda maior de levar o Aqualuz àqueles que não possuem acesso à água potável.

“ Voltamos para casa com muito mais que a certeza de que mostramos que os nordestinos e as mulheres são capazes de grandes feitos”

RELATOS DOS
FINALISTAS

Blue

Cada pequena conquista para a Blue significava mais tempo para seguir em frente, mais tempo de vida pra ser sincero. Ter situações que fazem parecer que tudo dará errado é bem comum independente do que cada um escolhe fazer na vida, mas quando nós 3 escolhemos simplesmente sorrir pra esses momentos, pequenas conquistas aconteciam na Blue, como passar de cada fase da maior competição de projetos do Brasil e ir conquistando os nossos primeiros clientes.

A Blue começou a ser criada em junho de 2018, e um mês depois a primeira grande queda, falha, erro aconteceu. Nas semanas seguintes veio a mensagem dizendo que a Blue tinha sido escolhida, entre 400 projetos para seguir na primeira fase da Hackbrazil. Já que era para seguir em frente, muita coisa tinha que mudar, e a equipe foi uma delas.

Conheci o Rafael quando divulguei um post no grupo da Poli/USP contando sobre a Blue e procurando novos integrantes. Em novembro começamos a trabalhar juntos, ele em Berkeley na Califórnia e eu em São Paulo, com diferença de 6 horas no fuso passamos 3 meses trabalhando como se tivéssemos recomeçando do zero. O resultado desse período foi a conclusão do nosso primeiro MVP e validação com as pessoas em pleno domingo na avenida Paulista.

A pesar de tudo, o mais especial desses 3 meses foram as pessoas que acreditaram e decidiram seguir em frente apoiando a Blue, médicos, pesquisadores, mentores, os próprios organizadores da Hack, engenheiros, empresários, brasileiros, americanos, israelenses e peruanos. Nunca tinha feito um trabalho com tanta repercussão como o dos meses de novembro, dezembro e janeiro, e para completar o Rafael indicou o Igor, também estudando em Berkeley, o mais novo integrante da Blue.

Passamos para a final, de 400 equipes estávamos entre as 5 finalistas, e era sim incrível ter a oportunidade de continuar entre os melhores, mas cada dia que passava não eram só os resultados que nos satisfaziam, não eram

as pequenas conquistas que davam mais dias de vida, era simplesmente a nossa própria “viagem”, a jornada que nós criamos, o calor das pessoas que cada vez mais se aproximavam. Acredito que era por isso que a gente simplesmente sorria, era bem divertido a frustração, a pressão e a própria solidão que trazia todo esse caminho para fazer com que a Blue de fato se tornasse a nova realidade.

Dia 3 de abril, foi a primeira vez que eu conheci os dois pessoalmente, depois de mais de 5 meses de trabalho por Skype e Hangouts ficou bem claro que não éramos apenas integrantes de equipe, passamos a ser criadores por estarmos focados em aproveitar o melhor de cada um para construirmos algo incrível.

Uma semana antes da apresentação ficamos sabendo dos jurados, pessoas que pessoalmente eu mesmo venho tentando falar a meses sobre a Blue, e quando finalmente chegou a hora de ficar frente a frente com eles, pela primeira vez, e das demais pessoas do nosso país apenas concordamos em fazer um única coisa naquele momento, concordamos em nos divertir, mais uma vez.

No final da competição eu, Pedro, que tinha começado a Blue como um desenho no caderno, senti a grande conquista mesmo antes dos resultados, senti na verdade quando conseguimos construir o diferente, quando conseguimos conquistar as pessoas, simplesmente repetindo mais um dia incrível da rotina da Blue.

Os últimos meses tiveram um significado enorme para minha vida pessoal, e isso passa muito pelo mérito de cada organizador da HackBrazil, mas não é por um texto como este que alguém vai conseguir entender tal significado, é pelo dia a dia.

Dessa fora, queria deixar claro para todas as pessoas que passaram pela Blue, ainda que por um breve momento, e neste caso principalmente à equipe da HackBrazil, que me sinto muito feliz por vocês terem feito parte do dia a dia daquilo que uma vez foi só um desenho no caderno. Nosso objetivo é fazer com que agora a Blue possa ser parte do dia a dia de vocês.

“ Os últimos meses tiveram um significado enorme para minha vida pessoal, e isso passa muito pelo mérito de cada organizador da HackBrazil”

HeliDrop

RELATOS DOS FINALISTAS

E stávamos stalkeando nosso mentor do AWC (Academic Working Capital) quando vimos uma postagem que ele compartilhou sobre a HackBrazil 2018, na qual participou com sua startup Cromai. Uma pesquisa rápida e vimos que as inscrições estavam prestes a abrir. Apesar de estarmos vários estágios mais crus no desenvolvimento do projeto, nos inscrevemos e felizmente fomos aprovados para a primeira fase.

Já estávamos há dois anos trabalhando nessa ideia maluca de projetar e fabricar um mini-helicóptero autônomo para pulverização agrícola, o que nos deu uma boa bagagem para passar pela Fase de Ideação da HackBrazil sem muitas dificuldades. Usamos dados compilados em mais de 60 entrevistas com produtores rurais, agrônomos, fabricantes de defensivos e empresas de pulverização.

Chegamos na Fase Maker com um certo orgulho, que passou bem rápido, logo na primeira sessão de mentoria. Recebemos mentores excelentes, Antônio Sobrinho e Glauber Carmo, que nos mostraram várias falhas na organização e planejamento do nosso projeto. Isso foi muito bom porque percebemos que estávamos patinando em problemas que seriam simples de resolver se tivéssemos uma gestão minimamente organizada.

Duas palavras definem nossa Fase Maker: organização e (falta de) sono. Em paralelo à HackBrazil, estávamos no meio do projeto e fabricação do drone, dividindo o dia entre oficina, reuniões com possíveis clientes e muitas atividades para o AWC. Ao mesmo tempo, tínhamos uma infinidade de cálculos, documentos e simulações para organizar.

Além disso, tínhamos também a luta diária com fornecedores de ligas de alumínio e fibra de carbono para conseguir comprar os materiais para construir o protótipo – parecia que não queriam vender. E quando sobrava

algum tempo, íamos às aulas e provas da faculdade de engenharia.

E como condensar todo o trabalho feito até ali num vídeo de apenas dois minutos que valeria a oportunidade de viajar aos EUA e apresentar o projeto no MIT? Nós levaríamos horas pra falar

tudo que fizemos e o porquê de clientes nos ligarem toda semana perguntando se o drone já está voando. Pra ganhar essa chance, passamos muitos dias montando o vídeo. Refizemos o roteiro muitas vezes, aprendemos a usar editores de áudio e vídeo, fazer animações e esperamos. Ansiosamente.

Vencer a timidez e o medo de falar no Kresge cheio de gente exigiu mais de cem horas de ensaios e feedbacks de muitas pessoas aos quais seremos gratos pra sempre. Não saímos com o conforto financeiro que o prêmio nos daria, mas sim

com vários contatos de clientes e investidores interessados na nossa proposta. E, no final da apresentação, ver todas as mensagens de apoio e carinho das pessoas que acompanham nosso trabalho foi muito emocionante e pagou por todo o esforço.

Por fim, nós da HeliDrop só temos a agradecer aos organizadores da HackBrazil e Brazil Conferente at Harvard & MIT pela oportunidade e experiência. Foi sensacional!

“ Não saímos com o conforto financeiro que o prêmio nos daria, mas sim com vários contatos de clientes e investidores interessados na nossa proposta ”

RELATOS DOS
FINALISTAS

Instok

Se precisasse resumir em uma palavra a minha experiência durante todo o processo da HackBrazil, culminando na *Brazil Conference*, minha resposta seria: perspectiva.

Digo isso pois foi uma jornada completa, desde a validação de nosso negócio, como tecnologia e mercado, mas como pessoas, fundadores de uma empresa e peça chave como recurso humano no desenvolvimento do Brasil.

Muitas outras competições em que participei tiveram caráter unidimensional. Ora focado exclusivamente em produzir negócios, outrora em desenvolver capacidades humanas de liderança e habilidades interpessoais, mas raramente tive uma experiência em que ambos ganharam mais força do que a soma de suas partes individuais.

Durante os meses de competição nosso time trabalhou muito. Tivemos várias noites em claro, e principalmente, muitas dúvidas e desconfianças acerca do resultado final. Não queríamos ser apenas “esforçados”, queríamos sim voltar à Curitiba, Paraná, com o prêmio e reconhecimento de que todo o esforço e trabalho valeu a pena, com consequências reais em nossa realidade. Como equipe, nós não voltamos com o prêmio, mas como Gabriel, voltei com algo muito maior: a mudança de perspectiva.

Durante as mentorias e oficinas da HackBrazil, pude perceber que talvez a tarefa mais importante durante toda a competição era a de alinhar as nossas expectativas como equipe, com as expectativas da organização como *Brazil Conference*, e com as expectativas e demandas de nossos mentores - apontados pelo torneio. Mais do que completar tarefas e entregar planilhas, nosso objetivo era sustentar um negócio que funcione com ou sem a HackBrazil, e para conseguir isso, precisávamos olhar mais longe.

A HackBrazil, para nós, nunca foi o objetivo-fim, mas um meio. O meio em que desenvolvemos nosso negócio e nossas habilidades como pessoas, conhecendo e interagindo com outros estudantes, executivos e empreendedores

sensacionais, que transcendem a escala da competição, mas que agregam em nosso desenvolvimento de maneira atemporal.

Entrando agora na *Brazil Conference*, como o ápice de todo o trabalho e processo seletivo da HackBrazil, minha experiência de ampliação de perspectiva ficou clara. Fiquei maravilhado com o lema “Juntos Somos Mais” pois ressalta a responsabilidade individual de cada brasileiro ali, como protagonista na mudança e evolução da complexa máquina que é o Brasil. Não falamos com a Nubank, mas com a

Cristina Junqueira, sua co-fundadora. Não conversamos com a Stone, mas com a Lia e com o Fernando, pessoas do time. As organizações e empresas tinham rostos, nomes próprios. O ar ali dentro era de empoderamento individual - essa foi minha mudança de perspectiva.

Percebi como o Brasil é feito, de quem ele é feito, e mais importante: como estão fazendo. Eram pessoas. A perspectiva é de que os diversos problemas sociológicos, políticos e econômicos ali discutidos seriam de fato em prol de um país melhor. Quando retirado o escudo ideológico, seja de qual lado ou espectro você “pertence”, e é con-

versado a responsabilidade individual de cada um, quase como um plano de ação, você passa a sentir o peso das suas próprias decisões.

A HackBrazil, a *BrazilConference*, e o próprio Brasil, são feitos de pessoas. Quanto maior sua pluralidade política, econômica e social, numa plataforma de consciência e responsabilidade individual que assegure o respeito e o debate saudável, mais positivo será nossa perspectiva como nação.

Trago essa mudança de perspectiva comigo, e agora levarei até o resto da minha vida.

“A HackBrazil, para nós, nunca foi o objetivo-fim, mas um meio em que desenvolvemos nosso negócio e nossas habilidades como pessoas”

Nextcam

RELATOS DOS FINALISTAS

A NextCam oferece soluções para o aumento da eficiência e redução do risco de acidentes na construção civil, através da visão computacional e inteligência artificial.

Empreender é sair da zona de conforto, é derrubar fronteiras e barreiras todos os dias, em busca de algo muito maior que apenas bens materiais, algo que beira o intangível. Mudando o mundo ou nossa realidade, através de nossas soluções, ideias e projetos. E participar do HackBrazil proporcionou tudo isso, por conta de todos os desafios que superamos durante o programa.

Entrar no programa, por si só, já foi um grande desafio, pois estávamos participando de outro edital de inovação, o TIM AWC. O AWC é um edital de empreendedorismo do instituto TIM, que incentiva os alunos a transformem seu TCC em startups. Através de uma parceria entre os programas, o AWC tinha direito a um "Passe Hacker" e foi nesse momento em que começou nosso grande desafio, tínhamos que conseguir esse passe hacker para entrar no HackBrazil. O AWC então escolheu as 5 melhores equipes do programa e dentre elas, diferentemente do que estávamos esperando, foram escolhidas duas equipes para entrarem nessa etapa mais avançada. Por se tratar de um programa muito conceituado, com apoio das universidades do MIT e Harvard, a equipe se dedicou fortemente e, além de estarmos entre as 5 melhores, alcançamos essa oportunidade de estar entre as duas equipes escolhidas. Foi a primeira grande alegria que tivemos, ainda mais por conta dessa "vaga a mais", percebemos que nosso projeto tinha acabado de quebrar mais uma barreira, nos mostrando como o trabalho, resiliência e dedicação à inovação podiam mudar a vida de três "quase" engenheiros.

Dentro do HackBrazil tivemos dois mentores: a Cristiane Bueno e o Henrique Mascarenhas. A Cristiane nos ajudou muito com contatos em grandes construtoras e com a maior aceleradora da América Latina, além

de nos ajudar a refletir sobre extrapolar nossa solução para outros mercados. O Henrique trouxe uma carga grande de experiência com empreendedorismo e investimento, ainda mais por ter trabalhado diretamente com o setor da construção civil, conseguindo passar todas as nuances necessárias para se entender esse setor. Ambos foram essenciais para chegarmos até a final do programa. Desde a estruturação da empresa à abordagem com clientes, eles nos colocaram no caminho certo, e por isso somos extre-

mamente gratos. Nos encontrávamos a cada 15 dias por videoconferência, para o acompanhamento do desenvolvimento das metas e das interações com clientes e parceiros, além de outras atualizações do projeto.

Por fim, chegamos à conferência, depois de meses de trabalho, preparação, noites de sono perdidas e muito suor. Alcançamos algo que nunca tínhamos imaginado, estávamos prestes a apresentar nosso projeto no maior auditório do MIT, em Cambridge, para uma banca simplesmente sensacional, composta por André Street (Arpex Capital), Bedy Yang (500 startups), Caio Bolognesi (Monashees), Cristina Junqueira (Nubank), Mike Krieger (Instagram), Renata Zanuto

(Cubo-Itau) e Renato Freitas (Yellow). Só de pensar que todas essas pessoas incríveis sabem que nós existimos, já é uma alegria imensa!! Além disso, tivemos a oportunidade de conhecer grandes expoentes da sociedade de startups e do Brasil, sendo uma experiência que marcou nossas vidas.

Chegar na final do HackBrazil e participar da *Brazil Conference* representou o resultado de todo nosso esforço, sendo uma jornada muito desafiadora! Proporcionando uma grande evolução para todos nós, muito graças às mentorias e oficinas de ambas MIT & Harvard. E, apesar de não levarmos o prêmio, só de participarmos de um evento dessa grandeza, demonstra que estamos no caminho certo e nos incentiva a ir cada vez mais longe. Principalmente, pois buscamos mudar a realidade da segurança nas construções de todo o Brasil e, com isso, salvar vidas e proteger pessoas, tornando esses ambientes mais controlados e seguros!!

“Chegar na final do HackBrazil e participar da Brazil Conference representou o resultado de todo nosso esforço, sendo uma jornada muito desafiadora!”

**ELISA MANSUR**

CO-PRESIDENTE DA BRAZIL CONFERENCE AT HARVARD & MIT



Conectando soluções

É uma honra e, ao mesmo tempo, uma grande responsabilidade fazer parte da equipe organizadora da *Brazil Conference at Harvard & MIT*. Foi essa a combinação que senti quando me foi dada a oportunidade de co-liderar a conferência de 2019. A preparação de uma edição da *Brazil Conference at Harvard & MIT* é um projeto com duração de um ano, fruto do trabalho e dedicação de brasileiros e brasileiras, estudantes das universidades da região de Boston.

Participar da organização desse evento permite uma grande proximidade com o nosso país, mesmo estando fisicamente a quilômetros de distância. Temos a chance de conhecer diversos outros brasileiros que também vieram com a missão de estudar em grandes universidades americanas, mas que não querem perder a conexão, sempre tão forte, com o Brasil. Não só é incrível conhecer as histórias de cada um, mas também é inspirador ver tantas pessoas juntas trabalhando em prol do nosso país. Não é à toa que o lema deste ano foi #JuntosSomosMais.

Organizar a *Brazil Conference at Harvard & MIT* também é uma oportunidade de ver a diversidade de opiniões que existem no Brasil. Um de nossos maiores compromissos é retratar essa pluralidade nos debates que promovemos em duas das universidades mais renomadas do mundo. Acreditamos que é por meio do diálogo que conseguimos pensar em soluções que realmente podem transformar o nosso país.

Falando em soluções, a *Brazil Conference at Harvard & MIT* também possui algumas iniciativas de promoção do empreendedorismo e do protagonismo de jovens por todo o Brasil. Eu estava especificamente responsável pelo Programa de Embaixadores, pela HackBrazil e pelos Diálogos da BC. Durante o processo de seleção dos universitários que fariam parte do programa de embaixadores, lembro

das inúmeras conversas que surgiram no time sobre a esperança - e confiança - nos jovens brasileiros. As histórias, trajetórias e projetos nos encheram de orgulho! Foi um processo altamente desafiador, com milhares de inscritos de todos os cantos do país. A nossa competição de tecnologia e empreendedorismo, a HackBrazil, trazia sentimento similar.

Às vezes pensamos que precisamos olhar para outros países para encontrar soluções e tecnologias inovadoras. As equipes participantes da HackBrazil nos provaram o contrário. O Brasil - e os brasileiros e brasileiras - estão à frente da inovação.

Finalmente, tínhamos a missão de aproximar também cada vez mais as universidades de MIT e Harvard - as quais agradecemos imensamente por apoiar a *Brazil Conference* - com o Brasil. Para isso, criamos uma equipe de expansão cujo principal objetivo este ano era crescer o streaming da conferência no Brasil.

Criamos uma rede com mais de 80 centros, dentre eles universidades, escolas e empresas, que fizeram o streaming de um ou mais painéis da *Brazil Conference at Harvard & MIT*, seguido por um debate local. A estimativa de participação presencial foi de cerca de 3.500 a 4.000 pessoas.

Quando vim para o meu mestrado, participar da organização da *Brazil Conference at Harvard & MIT* era algo que estava na minha lista de prioridades. Agora, após a honra e responsabilidade de fazer parte do time organizador, posso afirmar, sem dúvidas, que foi uma das melhores experiências que já tive. ●

“Organizar a *Brazil Conference at Harvard & MIT* também é uma oportunidade de ver a diversidade de opiniões que existem no Brasil.”

**Com a Nova
Previdência, os
estados podem
economizar
cerca de
R\$ 329 bilhões
em 10 anos?
Sim.**

**ESSA É A
VERDADE**

**NOVA
PREVIDÊNCIA.
PODE
PERGUNTAR.**

A aprovação da Nova Previdência pretende trazer muitos benefícios para o país. A economia pode ficar mais forte, e isso contribui para a geração de empregos. Além disso, ela permite equilibrar as contas públicas e possibilita mais investimentos nas áreas de saúde, segurança e educação.

Tire suas dúvidas em
brasil.gov.br/novaprevidencia

**NOVA PREVIDÊNCIA
É PARA TODOS.
É MELHOR PARA O BRASIL.**



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL



GDF elabora plano estratégico para o centenário de Brasília



Documento reúne iniciativas, metas e ações a serem desenvolvidas para a capital federal até 2060

O Governo do Distrito Federal (GDF) lançou dia 30 de maio, no Memorial JK, o Plano Estratégico do Distrito Federal 2019-2060. O plano engloba um conjunto de iniciativas, metas e ações que projetam a cidade até o seu centenário. A meta é que o planejamento estratégico 2019-2060 seja consolidado como um plano de Estado e não apenas de governo. Por isso, o GDF propôs ao Poder Legislativo a aprovação de uma emenda à Lei Orgânica do DF que garanta a perenidade do plano estratégico, tornando-o referência obrigatória para a elaboração dos projetos orçamentários – Plano Plurianual (PPA), Lei de Diretrizes Orçamentária (LDO) e Lei Orçamentária Anual (LOA).



O plano engloba um conjunto de iniciativas, metas e ações que projetam a cidade até o seu centenário. Estiveram presentes, o deputado distrital Reginaldo Veras, o vice-governador Paco Britto e o secretário de Fazenda, André Clemente

No documento em que comenta a perspectiva dos 100 anos da cidade, o governador Ibaneis Rocha enfatiza: “O espírito pioneiro do fundador, Juscelino Kubitschek, aliado ao incansável trabalho dos que ergueram Brasília a partir do zero e em apenas mil dias, deve ser a nossa inspiração, nossa orientação”. Outro ponto destacado pelo governador é a necessidade de melhoria dos serviços públicos a partir do oferecimento de serviços tecnológicos. “O conceito de cidade inteligente já vem sendo trabalhado”, diz um trecho da carta do governador. “O cidadão terá todos os serviços públicos prestados de forma eficiente

“O conceito de cidade inteligente já vem sendo trabalhado. Brasília é uma cidade que busca evolução permanente”

Paco Brito, vice-governador do DF

e ao alcance das mãos, por meio de aplicativos de telefone.”

Durante o evento, o vice-governador, Paco Britto, lembrou: “Brasília é

uma cidade que busca evolução permanente”. O secretário de Fazenda, André Clemente, reforçou: “Vários países têm adotado um plano estratégico para alcançar metas de desenvolvimento sustentável. Grandes ações demandam visões futuristas, ações antecipadas. Tudo que fizermos nesse momento será sabendo para onde estamos indo”

EIXOS E ETAPAS

Estruturado a partir da ótica das entregas de resultados para a sociedade, o plano está dividido em oito eixos temáticos: Gestão e Estratégia, Saúde, Segurança, Educação, Desenvolvimento Econômico,

Desenvolvimento Social, Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.

Os eixos temáticos estão vinculados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e suas metas e são representados por 31 batalhas com os desafios a serem superados, 115 resultados-chave que viabilizam a mensuração e o monitoramento do alcance das batalhas e 488 iniciativas que vão concretizar o alcance dos resultados-chave.

O Plano Estratégico do Distrito Federal 2019-2060 é dividido em quatro etapas temporais, abrangendo um período de 41 anos. O primeiro foco começa em 2019; o segundo vai de 2020 a 2023; o terceiro, de 2024 a 2030; e o quarto, de 2031 a 2060.

PRIORIDADES

Dadas as características e singularidades da construção e do perfil do DF, o plano foi pautado em fundamentos que se desdobram na razão de ser do Distrito Federal. O primeiro deles é a vocação de cidade-síntese do futuro. O segundo traz o compromisso com os cidadãos para construção de legados

para as próximas gerações. Já o terceiro fundamento é a promoção de políticas públicas de competências de estados e municípios.

O secretário de Fazenda, Planejamento, Orçamento e Gestão, André Clemente, afirma que a elaboração do plano “contribuirá para a melhoria da infraestrutura, a modernização de sistemas, o fortalecimento da legislação e a valorização das pessoas”.

As prioridades foram identificadas com base em estudos elaborados pela Companhia de Planejamento do DF (Codeplan) e pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Também foram utilizados relatórios do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), do Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea) e do Conselho de Desenvolvimento Econômico Sustentável e Estratégico do Distrito Federal (Codese/DF).

Também são destaques do plano a preocupação com a reorganização econômica do DF, a geração de emprego e renda, a eficiência da saúde pública, a segurança pública, a

educação como condutora do futuro e cuidado com o meio ambiente.

SOBRE O DF

O Distrito Federal, território autônomo que faz parte do Planalto Central, ocupa uma área de 5.779 km². A cerca de mil metros acima do nível do mar, está situado no encontro dos afluentes de três rios brasileiros: o rio Maranhão (afluente do rio Tocantins), o rio Preto (afluente do rio São Francisco) e os rios São Bartolomeu e Descoberto (afluentes do rio Paraná).

Possui clima tropical, com variações de temperatura média que vão de 13°C a 28°C e períodos de chuva e de seca alternados durante o ano. Seu território é ocupado pelo Cerrado, com mais de 11 mil espécies de plantas, diversidade de fauna acima de 2 mil registros e vegetação diferenciada, incluindo o ipê-amarelo.

Com características de indivisibilidade do território em municípios definidos constitucionalmente, a capital se organiza em regiões administrativas, integrantes da estrutura administrativa do Governo do Distrito Federal.

Os eixos temáticos estão vinculados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável





Gabriel Retondano

Fórum Conjunto Consad/Conseplan



Gestores encaram desafio de modernizar a administração pública

Gestores de administração e de planejamento de 23 estados do Brasil buscam equacionar uma questão fundamental da nova administração pública: modernizar a estrutura governamental, desburocratizar processos e tornar os serviços prestados aos cidadãos mais eficientes em meio a um cenário de restrição orçamentária do país. Inovação, planejamento e governança são as palavras-chave, segundo os participantes do fórum conjunto de Secretários de Estado da Administração e de Planejamento, que se encerrou no dia 07 de junho, em Manaus.

Representando o governador em exercício, Carlos Almeida Filho, o secretário de Estado de Planejamento, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação (Seplancti), Jório Veiga, lembrou as oportunidades, dificuldades e desafios impostos aos novos gestores diante da atual conjuntura, mas chamou a atenção para a necessidade de se ter um olhar perceptivo às necessidades da população.

“A tendência é que os postos de empregos sejam reduzidos cada vez mais com os processos de alta tecnologia, mas é preciso ter esse olhar,

saber como será o futuro das pessoas. Essa é a beleza da tarefa”, afirmou.

Ao todo, 31 titulares das pastas de Administração e Planejamento e secretários adjuntos participaram do fórum conjunto. Segundo a secretária de Estado de Administração e Gestão do Amazonas (Sead), Inês Carolina Simonetti, todas as unidades da federação passam por um cenário de dificuldades econômicas.

“Os desafios são enormes, porém, quando somados os esforços e habilidades, seremos mais austeros. Ressalto a importância desse evento, onde gestores públicos de



Ao todo, 31 titulares das pastas de Administração e Planejamento e secretários adjuntos participaram do fórum conjunto

Administração e Planejamento podem aprimorar e trocar conhecimentos e experiências acerca de temas atuais e pontuais para o aperfeiçoamento da gestão pública do país e para o desenvolvimento dos estados”, avalia Inês.

De acordo com o presidente do Conselho Nacional de Secretários de Estados de Administração (Consad) e secretário de Estado de Administração, Gestão e Patrimônio de Alagoas, Fabrício Marques Santos, o Consad busca expandir sua atuação nas políticas de gestão dos estados, modernizando e tornando mais eficiente a administração, sem deixar de reconhecer as diferenças culturais e econômicas de cada região.

“O fórum é um amplo debate para a modernização da gestão pública. Vamos definir uma agenda de interlocução para debater com o Governo Federal para modernização do setor público e transformação digital do setor”, disse Fabrício.

A presidente do Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Planejamento (Conseplan), Cíntia Lima, que representa o Governo do Maranhão, destacou o quadro de dificuldades financeiras por que passam quase todos os Estados e a necessidade de avaliação do projeto Mansueto, que leva os governos a se adequarem a normas, muitas delas restritivas. “As administrações já operam no limite, precisamos de equilíbrio”, propôs. ●

“O fórum é um amplo debate para a modernização da gestão pública. Vamos definir uma agenda de interlocução para debater com o Governo Federal para modernização do setor público e transformação digital do setor.”

Fabrício Marques Santos,
Presidente do Consad



Enap tem novo presidente

Diogo Costa inicia sua gestão reafirmando a missão da Escola em aprimorar o serviço público

O Diário Oficial de 31 de maio de 2019 traz a nomeação de Diogo Godinho Ramos Costa no cargo de presidente da Escola Nacional de Administração Pública (Enap).

Diogo Costa é mestre em Ciência Política pela Columbia University (EUA) e doutorando em Economia Política no King's College London (Reino Unido). Foi pesquisador no Cato Institute e na Atlas Network, em Washington (EUA), e professor de Ciência Política no IBMEC de Belo Horizonte/MG. Tem artigos publicados nas revistas Forbes e Newsweek, além do The Wall Street Journal e, há alguns meses, vinha atuando como Diretor Executivo da Enap.

Diogo Costa destaca que a Enap consegue combinar diferentes demandas e desafios para entregar soluções, capacitações e educação para um melhor serviço público: “a Escola tem vocação para ser uma vitrine da

gestão pública, em um país que precisa dela. Nosso compromisso é ensinar aos demais órgãos, não apenas em sala de aula, mas também por meio do exemplo”, afirmou o novo presidente da Enap. ■





Enap realizará seminário sobre Economia Comportamental e Educação Financeira

A Escola Nacional de Administração Pública (Enap) realizará, no dia 18 de junho, o Seminário Economia Comportamental e Educação Financeira. Interessados podem se inscrever até o dia 14 de junho.

O objetivo é apresentar a dimensão da Educação Financeira que coloca o indivíduo como responsável por escolhas que impactam na vida financeira e consequentemente no seu bem-estar, e analisar os casos concretos da Economia Comportamental e como o setor público pode orientar os indivíduos a fazerem escolhas mais conscientes.

Serão abordados os seguintes tópicos:

- Dinheiro e Felicidade: Vamos discutir a relação
- Economia comportamental aplicada as políticas públicas: uma visão panorâmica

- Insights Comportamentais para melhores decisões financeiras: apresentação de casos
- Projeto Disclosure e transparência no cartão de crédito: incorporação da perspectiva dos usuários de cartão de crédito para melhorar a transparência e o processo decisório dos consumidores desse produto financeiro
- Soluções Comportamentais para Adesão a Planos de previdência complementar: Aplicações Baseadas na Economia Comportamental
- Estratégia – Aplicativo: Insights comportamentais para poupar

Ao final do Seminário o participante deverá ser capaz de construir uma boa relação entre suas finanças e seu bem-estar por meio de dados fundamentados e úteis para a tomada de

decisões financeiras; inferir opinião sobre o Projeto Disclosure e Transparência no Cartão de Crédito, que considera importante a perspectiva do cidadão na melhoria dos produtos e serviços financeiros; e aplicar no seu dia-a-dia as melhores soluções para os seus problemas financeiros a partir dos casos apresentados.

SERVIÇO

Seminário Economia Comportamental e Educação Financeira

Data: 18 de junho

Horário: 13h30 às 18h

Local: Enap – Campus Jardim, Salão Nobre I (Brasília-DF)

Inscrições: <https://suap.enap.gov.br/porta1/curs0/431/#curs0>



Inovação e mecanismos de controle são temas de bate-papo

É possível conciliar inovação e controle na Administração Pública? O GNova, laboratório de inovação da Enap, promove no dia 30 de maio, mais uma edição do GNPapo – Conversa com inovadores de 2019. Desta vez, o evento será realizado no Instituto Serzedello Correa (TCU) e discutirá a importância estratégica da inovação nos mecanismos de controle interno e externo do setor público.

O papo vai contar com a participação do coordenador do Observatório do TCU da FGV Direito SP, André Rosilho. Ele vai apresentar, sob a ótica da inovação, as conclusões de um estudo que realiza um balanço crítico das decisões do TCU nos últimos anos. Em seguida, em um ambiente de diálogo aberto, controladores e controlados discutirão os achados do estudo

e o papel dos órgãos de controle na construção de uma cultura de inovação no setor público.

OBSERVATÓRIO DO TCU

O Observatório do TCU é um projeto de pesquisa permanente do Grupo Público da FGV Direito SP, em parceria com a Sociedade Brasileira de Direito Público – SBDP. Pesquisas apontam que o Tribunal de Contas da União (TCU) tem ampliado seu controle sobre a administração pública e os particulares que com ela se relacionam. É preciso compreender esse fenômeno e suas implicações.

Para tanto, o Observatório do TCU se propõe a analisar decisões do tribunal na medida em que são proferidas e a produzir bimestralmente balanços críticos de sua atuação. Em geral, as análises têm recaído sobre

O OBSERVATÓRIO DO TCU É UM PROJETO DE PESQUISA PERMANENTE DO GRUPO PÚBLICO DA FGV DIREITO SP, EM PARCERIA COM A SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIREITO PÚBLICO

quatro grandes temas: (i) aquisição de bens e serviços; (ii) desestatizações; (iii) o TCU como órgão sancionador; e (iv) possibilidades e limites de controle pelo TCU. O objetivo geral é melhorar a compreensão desse importante órgão de controle e trazer subsídios ao debate público.

Participam do Observatório do TCU professores, doutores, mestres e alunos de pós-graduação em Direito. A coordenação dos trabalhos é realizada por André Rosilho, professor do mestrado profissional e da pós-graduação lato sensu da FGV Direito SP.

GNOVA

Voltado para o desenvolvimento de soluções criativas para problemas públicos, o Gnova apoia-se em metodologias do design thinking centradas em práticas colaborativas e na experimentação. O laboratório possui um espaço diferenciado, equipe própria e colaboradores prontos a serem mobilizados para realização das atividades necessárias para cada projeto.

O laboratório está aberto à participação e estímulo ao surgimento de ideias e protótipos, em um local dinâmico, multiuso e sustentável, que visa favorecer a criatividade e a imersão dos diferentes participantes no desenho de soluções, por meio de oficinas e grupos de trabalho.

Desde sua concepção, foi estruturado tendo como um de seus valores fundamentais a colaboração, experimentação, geração de valor público, empatia e foco no usuário, proatividade, abertura ao risco e atuação em rede. Conheça mais acessando o site <http://gnova.ena.gov.br>. ●

SERVIÇO

GNPapo – Inovação e controle: juntos e shallow now?

Data: 30 de maio de 2019

Horário: 14h30 – 16h30

Local: Instituto Serzedello Correa, Anfiteatro (Térreo) - SCES Trecho 3, Asa Sul, Brasília-DF.



Edição Belém da 16ª Semana de Administração Orçamentária, Financeira e de Contratações Públicas

Inscrições abertas até o dia 02 de junho!

A 16ª Semana de Administração Orçamentária, Financeira e de Contratações Públicas, desta vez, será realizada em Belém do Pará. O objetivo desta edição, é atualizar, aperfeiçoar e gerar conhecimentos relativos aos instrumentos de planejamento, orçamento, administração financeira e compras no âmbito da Administração Pública Federal.

A metodologia será com exposições dialogadas/participativas, também com utilização de estudos de casos e disseminação dos aspectos mais relevantes dos temas. O público alvo são servidores públicos que atuam nas áreas de planejamento, administração orçamentária e financeira, compras públicas, controle e auditoria. Inscreva-se!

INFORMAÇÕES BÁSICAS:

- Período de inscrição: 27 a 02 de junho
- Período de confirmação de Inscrição e seleção das Oficinas:
 - 03/06/2019 - Confirmação das inscrições por e-mail.
 - De 04 a 07/06/2019 - Período de seleção e inscrição nas oficinas para os servidores que tiveram a inscrição confirmada.
- Inscrição:
https://sisfieinscricao.ena.gov.br/SISFIE_INSCRICAO/login.jsf

Atenção - caso não sejam selecionadas as oficinas no período indicado, o candidato será considerado desistente e terá sua inscrição cancelada.

Local: Auditório do Instituto de Estudos Superiores da Amazônia – Universidade Estácio do Pará Av. Governador José Malcher, nº 1148 Bairro Nazaré – Belém – PA.

Buscando a excelência na



administração pública



IBAP

INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

PARCERIAS INSTITUCIONAIS



IASIA
International Association of Schools
and Institutes of Administration



DPADM/ONU
Divisão de Administração Pública e Gestão
do Desenvolvimento das Nações Unidas

EVITE OS SINTOMAS DA CRISE.

REMÉDIO PARA QUEDA NAS VENDAS



POSOLOGIA

Uma dose de conversa diária com sua agência, de preferência no almoço

CONTRA-INDICAÇÃO

Não indicado para a concorrência

EFEITOS COLATERAIS

Ânimo elevado devido aos resultados

RECOMENDAÇÃO

Não suspenda a medicação



 61 3475 9999